

AUTORES LIVROS

Ano IX
Outubro de 1919

Director e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
P R E Ç O : — Cr\$-3.00

N.º 13
Vol. X

NOTICIA SOBRE MATIAS AIRES

Matias Aires Ramos da Silva de Eça, nasceu em São Paulo, em 27 de março de 1765, e era filho de José Ramos da Silva, um dos homens mais abastados da colônia, e de D. Catarina de Horta. Tinha 11 anos quando, acompanhando o pai, se mudou para Portugal, e nesse país — no collegio Santo António, — fez o curso de Humanidades. Matriculando-se na Universidade de Coimbra, fez o curso de artes. Partiu para a França, e, em Bayonne, fez os cursos de Direito Civil e Direito Canônico. Ali estudou, também, as matemáticas e as ciências físicas. Conhecia bem várias linguas, e entre estas o hebraico.

Foi cavalleiro professo da Ordem de Cristo e provedor da Casa da Moeda de Lisboa.

Sua obra capital — *Reflexões sobre a vaidade dos Homens* — é de 1752. Na fase colonial teve grande voga, chegando a ter até 1788, quatro edições. Desde então, porém, foi caindo no olvido, chamando a ficar em completo esquecimento.

Em 1914, em seus *Clássicos Esquecidos*, Solidônio Leite trouxe de novo à tona o nome de Matias Aires. Logo Nestor Vitor sobre ele escreveu três artigos no *Correio da Manhã*. Laudelino Freire não tardou a incluí-lo nos seus *Clássicos Brasileiros* e na sua *Estante Clássica*.

Em 1921, Solidônio Leite prestou uma alta homenagem ao escritor, ao lhe dar, em re-produção fac-similar, a 1.ª edição das *Reflexões sobre a vaidade dos Homens* (1921).

An constituir o quadro dos patronos das cadeiras dos correspondentes, a Academia Brasileira de Letras escolheu para um dos lugares o nome de Matias Aires. Ficou ele sendo o patrono da cadeira n.º 6 desse quadro. E' ele igualmente patrono da Academia Paulista de Letras.

Matias Aires era irmão de Teresa Margarida da Silva e Orta, a autora das *Aventuras de D. João*, famoso livro que tanto comentário tem merecido, que a tantas dúvidas tem dado margem.

Falleceu em data incerta — antes de 1770, diz Moacélio.

Escreveu:
— *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens, ou Discursos Morais sobre os effeitos da Vaidade, offerecidos a El-Rei nosso senhor D. Joseph I por Matias Aires da Silva de Eça* — 400 páginas. — Lisboa — na Officina de Francisco Luiz Ameno — MDCCCLII.

Teve mais seis edições: a 2.ª é da Of. de António Vicente da Silva, de Lisboa (1781); a 3.ª é da Tip. Rolandiana, de Lisboa (1778); a 4.ª *correta e augmentada com uma carta do mesmo autor sobre a fortuna* — é da Tip. Rolandiana, de Lisboa (1786); a 5.ª é de Solidônio Leite (Rio — 1921) e consiste na reprodução fac-similar da 1.ª; a sexta é da Livraria Martins, de São Paulo, (1942); traz introdução de Al-

ceu Amoroso Lima e illustrações de Santa Rosa; a sétima é da livraria Zello Valverde, fac-similar, e traz introdução de Mário Lobo Leal (1948).

— *Philosophia rationalis et via ad Campu Sophiae, seu physicae subterraneae* — manuscrito in 4.º.
— *Letras bohemienenses* — Amsterdam — 1750.
— *Discours panegyriques sur la vie et actions de Joseph Ramos da Silva*. Blake que dá noticia desse livro, acredita que ele não foi impresso.

— *Discurs gratulatorio pela convalescencia e vida d'el-rei D. José, nosso senhor* — Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1769, 10 folhas sem número. — Não traz o nome autor.

— *Carta sobre a Fortuna* — na 4.ª edição das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*.

— *Problema de architectura civil, a saber: porque os edificios antigos tem mais duração e resistem mais ao tremor de terra que os modernos?* — Lisboa, Of. de Miguel Rodrigues — 1770.

Esta obra appareceu postumamente e foi editada pelo filho do escritor. Teve 2.ª edição em 1777-1778.

PONTES SOBRE MATIAS AIRES

— Andrade Muricy — *Suave Convívio*, pág. 118.

— Alcides Bezerra — *A Filosofia na fase colonial*.

— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira. Epoca de Transformação*, página 158.

— Barbosa Machado — *Bibliographia lusitana*.

— Chichorro da Gama — "Breve Dic. de autores classicos", ou "Rev. de Portugueses" — n.º 10, página 175.

— Cláudio Ganns — *Mundo Literário*, n. 39 — (5-7-25).

— Ernesto Ennes — *Um paulista insigne* — *Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eça* (Contribuição para o estudo critico da sua obra) Publicação da Academia Portuguesa de Historia — Lisboa — MCMXXII.

— Francisco Ribeiro — *Aprovação do Paço*.

— Haroldo Paranhos — *História do Romantismo no Brasil* — v. 1.º.

— Henrique Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura* — pág. 163.

— Innocencio Silva — "Dicionário Bibliográfico" — 6.º vol., pág. 159; 17.º vol., página 15.

— Jarbas Peixoto — *Reflexões sobre M. Aires* — *Mensário do Jornal do Comércio* — Janeiro de 1948, pág. 99.

— Joaquim Manoel de Macedo — *O ano biográfico brasileiro*, vol. 2.º.

— J. Leite — *Nota apenas a 5.ª edição das Reflexões*. — José Veríssimo — "História da Literatura Brasileira" pág. 113.

— Laudelino Freire — *Clássicos Brasileiros*, pág. 95; e "Seleta Clássica", p. 41.

— Mário Lobo Leal — *Introdução à edição Zello Valverde* (1948), pág. 41.

— Mucio Leão — *Correio da Manhã* — (1-11-921).

— Nestor Vitor — *Correio da Manhã e Rev. Americana*, ano V, n.º 2, pág. 112 e n.º 3, p. 333.

— Pereira da Silva — "Os valores illustres do Brasil", tomo 2.º, p. 9.

— Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira* — pag. 197.

— Rui Bloem — *Prefácio e estudo bibliográfico na 5.ª edição das Aventuras de D. João*, de Teresa Margarida da Silva e Orta (Rio — 1945).

— Solidônio Leite — "Clássicos Esquecidos" e "Catálogo anotado", p. 337.

— Sacramento Blake — "Dicionário bibliográfico", 6.º volume, pág. 259.

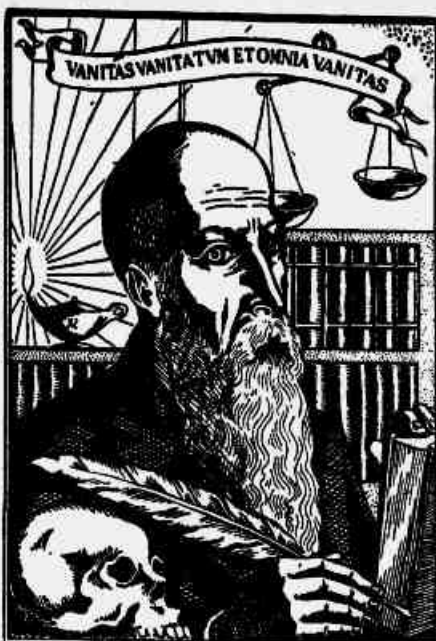
DEDICATORIA DAS "REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE"

Senhor:

Offereço a Vossa Magestade os *Reflexões sobre a vaidade dos Homens*; isto he o mesmo que offerecer em hum pequeno livro aquillo de que o mundo se compoem, e que só Vossa Magestade não tem: felix indigência, e que só em Vossa Magestade se acha. Declamey contra a vaidade, e não pude resistir à vaidade innocente de pôr estes discursos aos Reaes pés de Vossa Magestade; para que os mesmos pés, que herocamente pisão as vaidades, se dignem proteger estas *Reflexões*. Mas que muito, Senhor, que as vaidades estejam só aos pés de Vossa Magestade, se as virtudes o occupão todo? Alguma vez se havia de ver a vaidade sem iugav.

Tem os homens em si mesmos hum espelho fiel, em que vcm, e sentem a impressão, que lhes faz a vaidade: Vossa Magestade só neste livro a pode sentir, e ver; e assim para Vossa Magestade saber o que a vaidade he, seria necessario que a estudasse aqui. Quando derão os homens, e quanto valerão mais, se podessem, ainda que fosse por estudo, alcançar huma tyrannancia tão ditosa. Não he só nesta par'e, Senhor, em que vemos hum prodigio em Vossa Magestade. As gentes penetradas de admiração e de respeito, achão unidos em Vossa Magestade muitos attributos gloriosos, que raramente se puderão un' bem; e com effeito, quando se vio senão agora, sentar-se no mesmo Throno a Sobranza e a Benelindencia, a Justiça e a Clemencia, o Poder supremo e a Rozão? Em Vossa Magestade ficarão concedidos, e faces aquelles impossiveis.

A mesma Providencia quis manifestar o Rey, que preparava para a sua Lusitania; assim o mostrou logo, porque o Oriente, ou Reo' berco, em que Vossa Magestade amancebu, nunca vio flureza tão gentil; nesta se fundou o primeiro annuo da fidelidade Portugueza, e foy a voz do Oraculo por onde a natureza se explicou. Não foy preciso que



Desenho de Santa Rosa para as "Reflexões sobre a Vaidade", de Matias Aires (edição da Livraria Martins)

SUMÁRIO

Página 145:
— Noticia sobre Matias Aires.
— Funes sobre Matias Aires.
— *Dedicatoria das "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens"*, de Matias Aires.
— *Prologo ao livro*, de Matias Aires.
— *Ensaio sobre Natias Aires*, de Mucio Leão.
Páginas 147 e 148:
— *Algumas "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens"*, de Matias Aires.
— *A Filosofia de Matias Aires*, (Trecho de estudo).
— *Rui e a Bahia*.
Páginas 149, 150, 151 e 152:
— *Quinto o Principe dos Poetas Brasileiros*. (Entrevista com Alberto de Oliveira), de Gonçalo Jorge.
Página 153:
— *Evocação*, de Luiz Affonso Sarmento.
— *Soneto*, de Debora Leão.
— *Brisa Marinha*, de Stephanie Mailarmé (tradução de Guilherme de Almaral).
— *A morte de uma crissaca*, de Ronsard (tradução de Dugênio Vilhena de Moraes).
— *Intermezzo, da Helne* (tradução de Alberto de Oliveira).
— *O Cisne*, de Sally Prudhomme (tradução de Alberto de Oliveira).
— *Dois traduções do Recife de Coral*, de J. M. de Hevedia.

— *Uma carta de Ruy Barbosa a Joaquim Nabuco*.
Página 154:
— *Documentário Casimiro de Abreu*. *Cartas de Horacio José Marques de Abreu a Nilo Brazza*.
Páginas 155 e 156:
— *Anaden Amiral*. *Discursos na inauguração do monumento do poeta em Capivari*.
I — *Discurso de Altino Arantes*.
II — *Discurso de Mucio Leão*.
Página 157:
— *Dois perfis de escritores*. *Viana Moog e José Lima do Rego*, de Diernando Cox.
— *Cândido Duarte*.
— *Dois sonetos de Valfredo Martins*.
I — *A Luz*.
II — *O Mar*.
Página 158:
— *Verbetes para o Dicionário Bio-bibliográfico brasileiro*: João Inácio de Brito e Abreu; Cândida Iolinda de Abreu; Capistrano de Abreu; Eduardo Augusto Pereira de Abreu; Fernando de Abreu; Luiz Ferreira de Abreu (Visconde de Ferreira de Abreu).
Página 159:
— *Sancho de Barros Pimentel*.
— *A timidez de Rui Barbosa*.
— *Artur Ramos*.
Página 160:
— *Em nome de Mira-Celli*, de Jorge de Lima. (Illustração de Alberto Guignard).

os successos verificassem aquelle vaticinio, porque Vossa Magestade assim que veja ao mundo, só com se mostrar, d'esse o que havia de ser. Hum semblante angusto, mas cheyo de bondade, e agrado, foy o penhor precioso das nossas esperanças: venturosos, e claro presagio, pois se fez entender até pela mesma fôrma exterior.

Chegou finalmente o tempo, em que os scritos de Vossa Magestade persuadem, que se há huma arte de reinar, essa não podem os Monarcas aprender, Deos a infunde, não em todos, mas naquelles só, a quem as virtudes mais sublimes fizerão merecer hum favor celeste; isto dizem as restituições de Vossa Magestade; ellas mostrarão que não forão aprendidas, inspiradas alia. Por isso as primeiras acções de Vossa Magestade não se distinguem das que se vão do Oraculo por onde a natureza se explicou. Não foy preciso que

dico, ou ensayos, não cedem na perfeição a nenhuma parte da obra; daqui vem o parecermos, que Vossa Magestade não só nasceu para reinar, mas que ja sabia reinar quando nasceu.

Pelas mãos da idade recebem os Soberanos a experiencia de mandar. Vossa Magestade sem depender dos annos, logo com o poder, recebeu a sciencia de usar d'elle; e que se ma's dovem ao exercicio. Vossa Magestade só o deve à Omnipotencia; por isso as disposições de Vossa Magestade todas são justas, porque com ellas se justifica Deos. Aos outros Reys servem os homens por força do preceito; a Vossa Magestade servem por cortezia do amor; destes dous vinculos, não sey qual he mayor, mas he certo, que hum d'elle he violento às vezes, o outro he suave sempre; por que as cadeas, ainda as que são mais

(Continua na pág. 146)

ENSAIO SOBRE MATIAS AIRES

MÚCIO LEÃO

O espírito de Matias Aires

Há uma comovedora poesia na vida desses sábios que passam pelo mundo tendo o alívio como companheiro. A obscuridade é um doce prêmio para os corações bem formados, que sabem poverer com os aromas de uma intima alegria e esquecimento e a saudade.

Matias Aires é um desencantado filósofo. Ele arcaressou a existência refletindo sobre a tristeza dos nossos destinos. E suas reflexões pareciam desenganadas. Para o seu olhar, o planeta não é mais do que o res-

dez-vou das vaidades e das ilusões. Mais que o pensador do *Eclesiastes*, ele conhece o fundo daquela variável vanitas, tantas vezes repetido. Matias Aires tinha um razão. Ele próprio, com a fortuna varia que teve, foi um exemplo de quanto somos, todos nós, em baixo, perseguidos pelo transitório das nossas quimeras.

Escrevo estas linhas a propósito do livro de Matias — as *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. É aí um livro sério, que é, além de tudo, um compêndio de moral. Confesso que tenho antipatia pelos moralistas. Eles são frios e rígidos.

PRÓLOGO AO LEITOR

Matias Aires

Eu que disse mal das vaidades, vim a cair na de ser Autor: verdade é que a maior parte destas Reflexões escrevi sem ter o pensamento naquela vaidade; houve quem a suscitou, mas confesso que consenti sem repugnância, e depois quando quis retroceder, não era tempo, não pude conseguir o ser Anônimo. Foi preciso por o meu nome neste livro, e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confissão da culpa costuma fazer menor a pena.

Não é só nesta parte em que sou repreensível; é pequeno este volume, mas pode servir de campo largo a uma censura dilatada. Uns não de dizer que o estilo oratório, e cheio de figuras era impróprio na matéria; outros não de achar que as descrições, com que as vezes me afasto do sujeito, eram naturais em verso, e não em prosa; outros dizem, que os conceitos não são justos, e que alguns já foram ditos; finalmente outros não de reparar, que afetei nas expressões alguns termos desusados, e estranhos. Bem sei que contra o que eu disse, há muito que dizer; mas é tão natural nos homens a defesa, que não posso passar sem advertir, que se os conceitos neste livro não são justos, é porque em certo gênero de discursos, estes não se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras somem, nem em toda a extensão, ou significação delas. Se os mesmos conceitos se acham ditos, que haverá que nunca o fosse? E além disto os primeiros princípios, ou as primeiras verdades, são de todos, nem pertencem mais a quem as disse antes, do que a aqueles que as disseram depois. Se o estilo e impróprio, também pode pon-

der-se que no modo de escrever, às vezes se encontram umas lãs imperfeições, que tem não sei que gala, e brío; a observância das regras nem sempre é prova da bondade do livro; muitos escreveram exatamente, e segundo os preceitos da arte, mas nem por isso que disseram foi mais seguido, ou aprovado: a arte leva consigo uma espécie de rigidez; a formosura atrai só por si, e não pela sua regularidade, desta sorte afastar-se a natureza, e então é que se esforça, e produz coisas admiráveis; de fugir das proporções, e das medidas, resulta muitas vezes uma fantasia tolosa, e impolida, mas brilhante, e forte. Nada disto presumo se ache aqui; o que disse, foi para mostrar, que ainda em um estilo impróprio se pode achar alguma propriedade de feliz, e agradável.

Escrevi das vaidades, mais para instrução minha, que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distinguam as suas, por isso quiz de alguma forma pintar as vaidades como corva liocogrinas, e que se fizessem menos horríveis, e sombrias, e por consequência menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas Reflexões um livro, já me não posso emendar por esta vez, sendo com prometer, que não hei de fazer outro; e esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude dela ficam desde logo suprimidas as traduções de Quinto Curcio, e de Luciano. As ações de Alexandre e César, que estavam brevemente para sair à luz no idioma Português, ficam reavivadas para serem obras póstumas, e talvez que então sejam bem aceitas; porque os erros facilmente se desculpa em favor de um morto; se bem que pouco vale um livro, quando para merecer algum sulzrágio, necessita que primeiro morra o seu Autor; e com efeito é certo que então o aplauso não procede de justiça, mas vem por compaixão e lástima.

Não me obrigo porém a que (vivendo quase retirado) deixe de ocupar o tempo em escrever em outra língua; e ainda que a vulgar é um obscuro, que contém riqueza imensa para quem se souber servir dela, contudo não sei que fatalidades me tem feito olhar com susto, e desagrado para tudo quanto nasceu comigo; e além disto, as letras parece que tem mais fortuna, quando estão separadas do lugar em que nasceram; a mudança de linguagem é como uma árvore que se transplanta, não só para frutificar melhor, mas também para ter abrigo.

Vale

Não conhecem a beleza pristina de Madalena ou de Príndea. Têm num orgulho demasiado a miséria da nossa natureza. E põem em afastamento as únicas coisas que dão graça à terra e encanto à vida: os belos das mulheres, os enganos dos sonhos e, por que não dizer tudo? o misterio divino dos pecados. Se o mundo fosse povoado unicamente por moralistas, não tenham dúvida, seria um asilo miserável, de ar quase irrespirável. Felizmente, no humilde planeta nosso, ainda podem florescer essas deliciosas fantasmas que se chamam Hellogabalo e Cesar Borgia, Messalina, Ceitni e Cleopatra, a doce Luis... Por esse preconceito que eu tenho contra os evangelizadores da Moral, Matias Aires me foi mais precioso aliado. Ele me deu a ver esta coisa rara: um homem que ensina sabendo que ele próprio não sabe.

Singular sabedoria, a desse homem! Nós estamos habituados a ver, nos escritores clássicos, professores terríveis. Desde a infância, elas nos perseguem com o sarro de uma educação minuciosa, onde os cursos gramaticais nos arrastam a todos os momentos, com a mesma facilidade com que, numa floresta, os desca-minhas perdem um viandante. Mais do que nunca, nos livros sagrados dos clássicos portugueses nos temos a impressão de defrontar a setra atropia, onde o poeta incomparável se perdeu. E o pior é que nessa escuma seiva não há, senão mal faramento, a alegria boémia de um pássaro ou, mesmo, o riso de uma flor capitulo. Matias Aires, dá-nos a respirar a alegria dos pássaros. Que importa seja pessimista? O pessimismo é o malho que serve para dar um travo mais pitoresco à vida. Esta definição deve ter sido apresentada por um *maitre d'hôtel*. Eu a aceito, porque prezo a sabedoria dos humildes, que é, quase sempre, mais justa que a dos pensadores.

Nas Reflexões sobre a vaidade estão pintadas, nuamente, todas as nossas fraquezas. Oh! sim, meditabundo velho, menta ligeira e formosa, poeta amante das formas e das linhas! Naquela galeria, todos nós passamos, com as nossas fragilidades sem remédio, com as nossas pequeninas ambições, com os nossos despetos e os nossos ódios — com esse eterno pedaço do demônio, que na no fundo de nossas almas. E parecemos insignificantes, despidos do véu que nos envolve. Os vaidosos insetos! Como eles são lastimáveis — mas também, como eles são belos! Foram eles que fizeram da terra o jardim das graças e o vale das lágrimas; foram eles que erigiram a deusa Liberdade, coroada de louros, e a deusa Esperança, coroada de rosas; foram eles que conceberam a justiça, o direito e a ciência, mais bela ainda que o direito. Foram eles, os vaidosos insetos, que arrenderam o Amor, esse hábito da divindade, dentro do nosso espírito.

Certo, a vaidade dos homens é eterna. Ela é como o mal e como o bem. Por isso é, com a virtude, uma das grandes forças humanas. Os homens que ela mais vivamente assinala são cheios de uma luz perturbadora. Cain e Judas têm uma grandeza excepcional. Percuem a maravilhosa beleza dos que sofrem. E através dos seus nomes malditos há secretas seduções. Quem não daria um pedaço da vida para ser por um momento Sa-

tan, o gênio sublime, em que a velha teologia encarnou o desespero e o mal?

Aí está o encanto de Matias Aires: é que ele pinta os nossos defeitos, sentindo, por eles, íntima fraqueza. Uma floresta generosa não desjarja nair da face da terra a vaidade. Seria extinguir a melhor das fontes do sacrificio e da renúncia, esta maneira de nivelar tudo. E como poderiam ter aparecido Jesus e São Francisco de Assis, Marco Aurélio e Spinoza — se não fossem as nossas naturais imperfeições, diante das quais esses espíritos de elite cresceram e se iluminam? E preciso que tenhamos bem viva esta idéia: a nossa miséria é sagrada; e por causa dela que existem os heróis e os santos.

Eu não pretendi, nestas linhas, estudar o livro de Matias Aires. Sou muito blasfemo para entrar no sartuário da Moral. E, depois, há tantos homens severos e sábios para estudarem os assuntos graves que eu prefiro, na vida, ficar descansando à sombra das árvores, colhendo, de vez em quando, uma bela flor, e meditando, às vezes, o fofo pensamento de um autor querido...

Nesta crônica pretendi, apenas, chamar a atenção para a obra do desiludido escritor.

Quanto a mim, posso confessar mais uma vez que o amo, porque o acho delicioso. Ele me ensinou muitas coisas certas e justas. No meio desse vão passeio através de várias aparências, que é a vida dos homens, Matias Aires me deixou sentir, mais vivamente, os milagres luminosos da doçura, da sabedoria, da tolerância e do perdão. (1921).

II

O ESTILO DE MATIAS AIRES

Das várias obras do escritor, uma tem especialmente merecido a admiração da posteridade: são as *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Matias

— "Não tem mais duração a coisa dos heróis..." (pág. 33)

— "O principio comum de tudo: terra e pó..." (pág. 34)

Dois versos juntos:

— "O que se encerra neles vem entrar

Finalmente no caos do esquecimento..." (pág. 34)

Um pequeno poema de feição verso-librista:

— "Tudo no mundo são sombras que passam;

as que são maiores

e mais agigantadas

duram mais horas, mas também se extinguem

e do mesmo modo

aqueles que apenas

finiram de existência alguns instantes..." (pág. 35)

Outro poemzinho verso-librista:

— "E assim na vaidade

nunca se formam cicatrizes firmes

e seguras; porque

a lembrança do agravo a cada instante

as faz abrir de novo e voltar sangues..." (pág. 40)

Ainda outro poema do mesmo tipo:

— "Quantas vezes nos parece que o bosque

que nos serve de muda companhia,

se magoa dos nossos infortúnios,

e que o vale recebe o sentimento

das nossas queixas, quando

em ecos entrega aos ventos

partidos os nossos ais!" (pág. 53)

Mais outro:

— "A vaidade é como o amor:

Este, quando o deixamos,

sempre nos fica uma saudade lenta,

que incoavelmente nos devora..." (pág. 55)

Outros versos avulsos, que achamos no livro:

— "Em um desprazo universal de tudo" (pág. 36)

— "Ódios que duram tanto como a vida" (pág. 41)

— "Sempre leva no peito atrevesada a seta" (pág. 43)

— "Não cessa de girar o pensamento" (pág. 47)

— "O amor continuamente nos promete" (pág. 47)

— "Não nos serve de aliado o bem futuro" (pág. 67)

— "A natureza quer que nos amemos" (pág. 71)

— "Nossos no mundo porém não no amor,

Este se manifesta em nós logo no d'espero" (pág. 178)

— "... como pode haver amor constante

se é tão pouco constante a formosura" (pág. 184)

Haveria a colher infinitos outros, mas ca que acabou de alinhar já bastarão para nos

Aires aparece-nos como uma espécie de La Bruyère, ou, antes, de La Rochefoucauld, o que é raro nas letras brasileiras, e era raríssimo no tempo em que ele existiu. Seu espírito ecoa a palavra do eterno desenganado do *Eclesiastes* — Tudo é vaidade! Dal partindo, vai é mostrar essa vaidade em tudo.

Vaidade é a glória, vaidade é a beleza, vaidade é o amor, vaidade é o gênio, vaidade é o mundo, vaidade é a morte. E entretanto... "eu que disse mal das vaidades, vim a cair na de ser autor", medita, bem-humorado, o filósofo. Matias Aires conta que escreveu seu livro sem o pensamento de escrevê-lo; foi pondo no papel suas reflexões, e quando abriu os olhos, estava a obra feita.

Não tem ele, de certo, aquela acuidade de psicólogo, merecida da qual La Bruyère, um dos seus modelos, retrata, em poucas linhas, uma figura moral, um espírito, um caráter. Também o seu programa não é traçar retratos psicológicos: é apenas encontrar a explicação de alguns aspectos da vida ou da inteligência. "Propriamente só podemos dizer que as coisas estão acabando, e não que estão sendo", medita ele.

E sobre a história universal conceitua, numa reflexão idêntica a uma outra que Anatole France fará, século depois, no *Pierre Nozière*: "Não há história que verdadeiramente seja universal: quanto Aquiles terá havido, cujas notícias se acabarão só porque não tiveram Homero que as fizessem durar um certo tempo e isto por meio de um poema ilustre?" (Pag. 23, ed. Solidônio Leite).

Como escritor, Matias Aires é um dos autores mais musicais de nossa língua. Embora não conheçamos versos de sua autoria, sentimos, através de sua prosa, um longo contacto com a poesia. Suas reflexões estão semeadas de versos, alguns deles extremamente brilhantes. Citarei agora, a esmo, os seguintes:

— "Não tem mais duração a coisa dos heróis..." (pág. 33)

— "O principio comum de tudo: terra e pó..." (pág. 34)

Dois versos juntos:

— "O que se encerra neles vem entrar

Finalmente no caos do esquecimento..." (pág. 34)

Um pequeno poema de feição verso-librista:

— "Tudo no mundo são sombras que passam;

as que são maiores

e mais agigantadas

duram mais horas, mas também se extinguem

e do mesmo modo

aqueles que apenas

finiram de existência alguns instantes..." (pág. 35)

Outro poemzinho verso-librista:

— "E assim na vaidade

nunca se formam cicatrizes firmes

e seguras; porque

a lembrança do agravo a cada instante

as faz abrir de novo e voltar sangues..." (pág. 40)

Ainda outro poema do mesmo tipo:

— "Quantas vezes nos parece que o bosque

que nos serve de muda companhia,

se magoa dos nossos infortúnios,

e que o vale recebe o sentimento

das nossas queixas, quando

em ecos entrega aos ventos

partidos os nossos ais!" (pág. 53)

Mais outro:

— "A vaidade é como o amor:

Este, quando o deixamos,

sempre nos fica uma saudade lenta,

que incoavelmente nos devora..." (pág. 55)

Outros versos avulsos, que achamos no livro:

— "Em um desprazo universal de tudo" (pág. 36)

— "Ódios que duram tanto como a vida" (pág. 41)

— "Sempre leva no peito atrevesada a seta" (pág. 43)

— "Não cessa de girar o pensamento" (pág. 47)

— "O amor continuamente nos promete" (pág. 47)

— "Não nos serve de aliado o bem futuro" (pág. 67)

— "A natureza quer que nos amemos" (pág. 71)

— "Nossos no mundo porém não no amor,

Este se manifesta em nós logo no d'espero" (pág. 178)

— "... como pode haver amor constante

se é tão pouco constante a formosura" (pág. 184)

dar uma idéia da musicalidade do estilo de Matias Aires.

NOTICIA SOBRE MATIAS AIRES

(Continuação da pág. 145)

pezadas, ficão sendo leves, quando he o amor quem as faz, e as supporta. Todos sabem, Senhor, que antes que as nossas vozes aclamassem a Vossa Magestade já o tinham aclamado os nossos corações; nestes levantou o mesmo amor o primeiro throno a que Vossa Magestade subiu; e se he certa aquella memoravel profecia, que promete a hum Rey de Portugal o ser senhor de toda a terra, já podemos crer que chegou o tempo de cumpri-la, a esta fé deve fundarse na virtude de Vossa Magestade; e em quanto não chega a feliz hora de vermos na mão de Vossa Magestade o Cetro Universal, já vemos que Vossa Magestade he digno d'elle; sendo que he mais glorioso o merecer, do que o alcançar. A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Dece infinitos annos.

Matias Aires Ramos da Silva de Eça.

Algumas reflexões sobre a vaidade dos homens

MATIAS AIRES

(1) Sendo o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais do que nós mesmos, e se introduz nos aparatos últimos da morte. Que maior prova, do que a fábrica de um elevado mauoleu? No silêncio de uma urna depositam os homens as suas memórias, para com a flor dos mármores fazerem seus nomes imortais, quevem que a santuosidade do túmulo sirva de inspirar veneração, como se fossem reliquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jusques a continuação do respeito. Que frívolo cuidado! Esse triste resto daquilo que foi homem, já parece um ídolo colocado em um breve, mas soberbo, domicílio, que a vaidade edificou para habitação de uma cinza fria, e des'a declara a inscrição o nome e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

(2) Vivemos em vaidade, e com vaidade miseráveis; arrancando os últimos suspiros, estamos, dispostos a nossa pompa fúnebre, como se em hora tão fatal e morrer não bastasse para ocupação; nessa hora, em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, a entramos a compor, e a ordenar o nosso acompanhamento, e assistência funeral; e com van-gloria antecipada nos pomos a antever aquela cerimônia, a que chamam as nações últimas honras, devendo antes chamá-la vaidades últimas. Queremos, que em cada um de nós se enlreque a terra com solenidade, e fausto, outra infeliz porção de terra; tributo inexorável! A vaidade no meio da agonia nos faz saborear a ostentação de um luxo que nos é posterior, e nos faz sensíveis as atenções, que há-de dirigir-se à nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquela vaidade, de que não podemos ser capazes depois da morte; não é piedosa conosco a vaidade; porque em instantes cheios de dor, e de amargura, não nos desampara; antes nas disposições de uma pompa fúnebre, dá ao nosso cuidado uma aplicação, ainda que triste, e faz com que diversamente empregado, o nosso pensamento obsequie a contemplar vislata a nossa mesma morte, e luzida a nossa mesma sombra.

(16) Todos fazem vaidade de ter malícia; nem há quem diga, que a não tem, antes é ditoso, que reconhecemos com gozo, e confessamos sem repugnância; a vaidade é; porque a malícia consiste em penetração, por isso não nos defendemos de um defeito, que indica o termo entendimento. A vaidade faz, que não há coisa, que não sacrificamos ao desejo de parecer entendidas, ainda que seja a custa de um vicio, ou de uma culpa. Quando nos queremos dar por uma bondade sem exemplo, atemos que não temos malícia alguma; porém esse pensamento não dura muito em nós; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer mais com entendimento, do que bots sem ele; verdadeiramente a falta de entendimento; porque malícia propriamente é aquela inteligência, ou ato, que prevê o mal, ou o medita; por isso é diferente o ter malícia e o ser malicioso; tem malícia quem descobre o mal para o evitar; é malicioso quem o antevê para o exercer, a malícia é uma espécie de arte natural, que se compõe de combinações, e consequências, e neste sentido a malícia é uma virtude politica. As mais das coisas

têm muitos modos, em que podem ser consideradas; por isso a mesma coisa pode ser pequena, e grande, pode ser má, e também boa; pode ser injusta e justa; a vaidade porem sempre se apropria o modo, ou o sentido, em que a coisa em nã fica sendo superior, e admirável.

(18) Os retiros, e as solidões nem sempre são efeitos do desengano, as mais das vezes são delírios de um sentimento vao, ou furores, em que brota a vaidade; então nos move o fim oculto de querermos, que a demonstração da dor nos faça recomendáveis; fazemos vaidade de tudo quanto é grande; a mesma pena quando é excessiva nos honra; porque nos promete a admiração do mundo.

(20) Buscamos a Deus quando o mundo nos não busca, se alguma oferta nos irrita deixamos a sociedade não por arrependidos, mas por queixosos, e menos por amor a Deus, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquete modo de vingança, e parece com efeito, que o deixar o mundo é desprezá-lo. Assim será; mas quem deseja vingarse ainda ama, e quem se mostra ofendido ainda quer. Amamos o mundo, e as suas vaidades; porque o amor de coisas vãs é em nós quase inseparável. O mundo e a vida tudo é o mesmo; e quem há que sem loucura deixe de amar a vida? Tudo no mundo é vao, por isso a vaidade é a que move os nossos passos; para, donde quer, que vamos, a vaidade nos leva, e imos por vaidade. Mudamos de lugar, mas não mudamos de mundo.

(26) A vaidade nos ensina, que as ações heroicas se fazem imortais por meio das narrações da história; porem mal pode caber na lembrança dos homens todos os grandes sucessos, de que se compõe a variedade do mundo; ainda o mesmo pensamento tem limite, por mais que nos pareça imensa a sua esfera. Não há história, que verdadeiramente seja universal; quantos Aquiles terão havido, cujas notícias se acabaram, só porque não tiveram Homeros, que as fizessem durar um certo tempo, e isso por meio do encanto de um poema illustre? Quantos Eneidas sem Virgílios? Quantos Alexandre sem Quintos Curcios? Na infância do mundo começaram logo a haver combates, por isso as vitórias sempre foram de todas as idades; porem esses mesmos combates se desfaziam uns a outros; porque a fortuna do vencedor sempre foi vária, e incensante. As notícias das vitórias também se vinham a extinguir umas pelas outras. Se queremos remontar ao tempo, que passou, a poucos passos, havemos de encontrar a fabula, coberta de um véu escuro, e impenetrável; tudo quanto aquete tempo encerra nos é desconhecido totalmente. Os primeiros homens, que a força de fogo, e sangue se fixaram arditos da terra, nos mesma fundamentos das suas conquistas deixaram sepultadas as suas ações; o valor com que puderam perpetuar nos seus descendentes o poder e a majestade, não lhes pode perpetuar o nome; das maiores monarchias ainda se ignora quem foram seus primeiros fundadores.

(27) Que são os homens mais do que aparências de teatro? Tudo nels é representação, que a vaidade gula: a fatal revolução do tempo e o seu curso

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS,

OU
DISCURSOS MORAES

Sobre os efeitos da Vaidade,

OFFERECIDOS

A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOSEPH O I.

POR

MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA

- 1854

LISBOA,

(77) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO
Impressor da Rev. Fabrica da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. LII.

Com as licenças necessárias.

Página de título da 1.ª edição das "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens".

rápido, que causa nenhuma para, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de uma eternidade. Nesta abisma, aonde tudo entra, e nada sai, se vão precipitar todos os sucessos, e com eles, todos os impérios. Os nossos antepassados já vieram e já foram; e nos daqui a pouco vamos ser também antepassados dos que hão de vir. As idades se renovam, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente, se sucedem nada fica, tudo se usa, tudo se acaba. Só Deus é sempre o mesmo, os seus annos não têm fim, e ele vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vão passando o insultam, e se servem d'esse mesmo instantly em que passam para o esquecimento. Miseráveis homens, género infeliz, que nesse momento, que lhes dura a vida, preoccuparam a sua mesma representação; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditam, que tudo sabem, e que tudo prevêm, só a não tem para anteverem as vinganças de Deus irado, e que com o acú mesmo sofrimento, o silencio, clama, amarga, julga, condena!

(49) Só a vaidade sabe dar existência às coisas que a não têm, e nos faz idolatras de tudo nadas, que não têm mais corpo, que o que recebem do mesmo modo de entender e nos induz a buscarmos d'esses mesmos nadas, côm meios de nos distinguir; sendo que nem Deus, nem a natureza nos distinguia nunca. Na lei universal ninguém ficou isento da dor, nem da tristeza; todos nasceram sujeitos ao mesmo principio, que é a vida, e so mesma fim, que é a morte; a todos comprehende o efeito dos elementos; todos sentem o ardor do sol, e o rigor do frio; a fome, e a sede, o gozo, e a pena, é comum a tudo aquilo que respira; o Autor do mundo fez ao homem sobre uma mesma idéia uniforme, e igual, e na ordem com que dipôs a natureza, não conheceu excepções, nem privilegios: nunca o homem pode

ser mais, nem menos do que homem; e por mais, que a vaidade lhe esteja sugerindo nos certos attributos, ou certas qualidades, que o fazem parecer maior, e mais consideravel, que os mais homens, essas mesmas qualidades, ainda não são verdadeiras, sempre são imaginarias; porque tambem há verdades fantásticas, e compostas somente de ilusões.

(51) Só a vaidade dos reis é vaidade justa, porque a Providência já quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras das divindades, e com uma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma essência de que são imagens, pareço, lhes comunica uma porção da idéia, que representam. Pur mais que os successos sejam regidos pelo acaso, contudo aos reis não se fax a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligência, que dá os primeiros, e principais movimentos ao Universo. Ainda nos rebes celestes vemos alguns corpos, que parece custar mais cuidado ao Autor do mundo pois brilham com luz mais firme, mais intensa e mais constante. Os monarchas parecem-se com os mais homens na humanidade, mas differem nas qualidades da alma; a corda que os cingio, não só lhes ilustra a cabeça, mas tambem o pensamento; o cetro, que indica a majestade tambem inspira o esforço; e a grandeza no poder tambem influi extensão no espirito; por isso na arte de reinar não há regras, que possam ser sabidas por quem não é rei.

(53) Nos principes é virtude, uma vaidade bem entendida, e discorre santamente um rei, quando se desvanee da qualidade de ser justo; há vicios necessários em certos homens, assim como já virtudes impróprias em outros. Os soberanos sendo a fonte da justiça, são os que mais injustamente são julgados; os mais homens são ouvidos, os principes não, to-

dos os julgam, e ninguém os ouve; como se a preeminência da dignidade os fizesse incapazes, os indignos da defesa; o julgar por este modo aos reis, é sacrilegio, porque a traição é fama, que a que conspira contra a vida; esta nos monarchas é-lhes menos preciosa do que a fama; com a vida se acaba, o respeito, a grandeza, e o poder mas não acaba a reputação; o túmulo não encobre, nem a nomínia do nome, nem o esclarecido, porque nos principes nunca acaba, a honra, nem a infâmia; o breve espaço de uma urra basta para esconder as cinzas de muitos reis; porem por mais que as confunda a morte, a historia as separa, e as divide; a verdade anima essas mesmas cinzas; umas para honra da natureza, outras para horror em poezidade.

(54) A maior parte das ações dos homens consiste no modo delas; o modo com que se propõe, com que se diz, com que se fala, com que se ouve, com que se ouve, com que se vê, com que se anda, e enfim todos os mais modos, que são inseparáveis de qualquer ação, nos dão a conhecer o que devemos pensar delas; quase sempre o modo, ou nos obriga, ou nos ofende, e ordinariamente o modo das coisas nos ocupa mais do que as coisas mesmas. Uma vez nos enganamos o modo, porem, tambem outras o mesmo modo nos desengana; a imaginação verdadeira, falsa, ou vaidosa, é a que produz os diferentes modos, que vemos uns nos outros. Os soberanos têm um certo modo de olhar; de ver, de ouvir, de andar, de perguntar e de responder, que só nels é natural; a vaidade dos grandes lhes faz afetar o mesmo modo, que vemos nos soberanos; os homens tomam o mesmo modo, que vemos nos grandes, e cada um se irrita de ver um modo impróprio, e sente como um desprezo o achar um modo, que não convém a quem usa dele; o que diversifica os modos é a alegria, a tristeza, o amor, o odio, o desejo, ou a indifferença, e mais que tudo a vaidade.

(62) Quando pretendemos um favor, parecemos que sempre devemos de conservar a memoria dele; mas é erro, porque apenas o alcançamos, quando logo se deforma em nós um desejo imperceptível de o esquecer; a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indifferença; por isso não há ingratitude sem elle; aborrecemos a quem renit a nossa vexação, só porque a ficou conhecendo. Não se paga um beneficio, senão com outro maior, e quem o não pode pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer uma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratitude não consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em sua aversão oculta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sempre é com nousso pesar e desgosto. Insensivelmente se forma uma espécie de divórcio entre quem recebe um favor e quem o faz; este por vaidade afeta o não lembrar do beneficio feito, aquete tem pejo de haver-se esquecido o alle; um e outro se retira; a ausência, ou a ruina daquella a quem fomos obrigados, nunca nos é desagradável; porque então parece que respira a vaidade, como livre de um peso insuportável; naturalmente não podemos amar a quem não de-

Algumas reflexões sobre a vaidade dos homens

A FILOSOFIA DE MATIAS AIRES

Trecho da Introdução à "Reflexões sobre a vaidade dos homens", de Matias Aires, escrita por Alice Amoroso Lima, para a edição da Livraria Martins

vemos; a divida leva consigo um desejo da extinção do seu objeto.

(79)

Nascem os homens iguais: um mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e também os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma forma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o sol; a aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite, anuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribui em anos, meses e horas, para todos se compõe do mesmo número de instantes. Essa transparente região a que todos abraça; todos acham nos elementos um patrimônio comum, livre e indefectível; todos respiram o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da água, e do fogo, a todos se comunicam. O mundo não foi feito mais em beneficio de uns, que de outros, para todos é o mesmo; e para o uso dele todos têm igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem da sua mesma instituição; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que coisa é a vida para todos mais do que um enleio de vaidades, e um giro successo entre o gozo, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão e o amor? Ainda ninguém nasceu com a propriedade de insensível; a vida não pode subsistir, sem estar subordinada ás impressões do gozo e do sentimento. Todos nascemos para chorar e para rir; a circumstancia de chorar mais, ou menos, resulta de cada um de nós. A violência e a vaidade das paixões nos faz apeteer, e quem apeteer, já se expõe aos delírios do riso, e ás amarguras das lágrimas; esse mesmo apeteer ainda só por si, é uma espécie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegam primeiro do que o seu objeto, e este quando vem, já nós estamos ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria; somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem, não é necessário que estejam em nós, basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se recusa, não pode haver alívio, porque o pensamento lhe dá uma extensão maior; em lugar, que o mal que já se sente, pode consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritalizam para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para a effeição delas se incorpore em nós, muito antes que elas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos já são nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que há falta naquilo que vimos a conseguir; as cousas quando chegam, já nos acham satisfeitos; porque o desejo é uma espécie de gozar mala ativa, e má's durável, mais forte e mais continua; daqui procede o ser tão delectável a esperança, porque é uma espécie de possessão daquilo que se espera. Quem imagina o que deseja, tudo pinta com cores lisonjeiras, e mais vivas; por isso a verdade é grosseira, e mal polida; tudo o que descobre é sem adorno; antes faz desvanecer aquella apparencia feita, com que os objectos primeiro se de'xam ver na idéa, do que se mostram na realidade. Todas estas propensões e inclinações se encontram

em cada um de nós; e assim devia ser, porque as variações do tempo, da idade, da fortuna e dos successos, a todos compreende, e a todos iguala; só a vaidade a todos distingue, e em todos põe um sinal de differença, e um carácter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que um homem seja, o mesmo que outro homem. É subtil a vaidade em discurrir; por isso nos inspira, que há desigualdades no que é igual; que há differença no que é o mesmo; e que há diversidade donde a não pode haver; mas que importa que a vaidade assim discurra, se sempre é certo que os homens todos são uns, e que os não há de diferente fábrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem é emprestado, fingido, supposto e exterior. Tirada a insignia, o que fica, é um homem simples; despidida a toga consular, também fica o mesmo. Se tirarmos do capitão a lança, o casco de ferro e o peito de aço, não havemos de achar mais do que um homem inútil, e sem defesa, e por isso tímido e cobarde. Os homens mudam todas as vezes que se vestem; como se o hábito infundisse uma nova natureza; verdadeiramente não é o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicação do hábito. Debaixo de um aspecto militar concebemos um guerreiro valeroso, debaixo de uma vestidura negra, e talar, o que se nos affigura, é um juriscôulto rígida, e inflexível; debaixo de um semblante desarmado e macilento, o que descobrimos, é um austero anacoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que é, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem; vem ser um homem graduado, illustrado, insipido; de sorte que os attributos, com que a vaidade veste no homem são substituidos no lugar do mesmo homem; e fe-

te fica sendo como um accidente superficial e estranho; a máscara, que encobre, fica identificada, e consubstancial á coisa encoberta; o véu que esconde, fica unido intimamente á coisa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquilo que o cobre, e que o cinge; a guarrição é a que faz o homem, e a este homem de fora é a quem se dirigem os respetos, e atenções; ao de dentro não; este despreza-se como uma coisa comum, vulgar, e uniforme de todos. A vaidade, e a fortuna são as que governam a farda desta vida; cada um se põe no teatro com a pompa, com que a fortuna e a vaidade o põem; ninguém escolhe o papel; cada um recebe o que lhe dão. Aquêlle que se faz fausto, nem cortêjo, e que logo no rosto indico, que é sujeito á dor, á afflicção, e á miséria, esse é o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella, em uma mão tem o relógio do tempo, na outra tem a foice fatal, e com esta de um golpe certo, e inevitável, dá fim á tragédia, corre a cortina, e desaparece; a fortuna, e a vaidade, que vêem desbaratada a cena, caídas por terra as apparencias, prostrados os actores, emudecido o cêro, trocados os chins em flautas tristes, os hinos em trenos, os cânticos em elegias, e em epítafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lírios roxos, os girassóis em desmalhadas aquarelas, entrelaçados os louros no cipreste, os cajados confundidos, com os cetros, e com o burel a púrpura, a vaidade pois e a fortuna, que em menos de um instante viram desvanecidos os triumphos da vida pelos triumphos da morte, precipitadamente fogem, e deixam um lugar cheio de horror, e sombras, e donde só reinam o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabam as suas glórias, e só assim acaba a sua vaidade.

Além do cepticismo filosófico de Matias Aires também tem qualquer coisa do cepticismo filosófico de Pascal. "La philosophie ne vaut pas une heur de pain", escrevia este. E de ver, entretanto, que o pessimismo pascaliano era essencialmente cristão, ao passo que o pessimismo de Matias Aires era, como o de La Rochefoucauld que encontramos em Matias Aires com o pensamento pascaliano — o cepticismo filosófico, o experimentalismo científico, a paixão pelas ciências físicas e matemáticas, a preocupação pelo Homem como centro de toda a pesquisa especulativa e a consideração de sua grandeza e de sua miséria, o rigorismo de inspiração jansenista, as contradicções do homem, etc. Outras influências, sem dúvida, separam o providencialismo frio e irônico de Matias Aires do sacramentalismo patético de Pascal e do seu cristianismo angustiado, "qui cherche en gémissant". Enquanto Pascal vê no homem, como deve ser, a natureza resgatada pela Incarnação, Aires considera o homem apenas no estado puro de degradação. Deí o seu pessimismo não pascalino e as suas tendências á predestinação calvinista. Sua "Providência" se aproxima mais mais da de Epicteto do que do "Dieu d'Amour" de Pascal, presente n'Aquêlle que disse: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". No seu pessimismo radical, Matias Aires esquece a lição de Bossuet, que é a de todo o verdadeiro cristianismo: "Il ne faut pas permettre à l'homme de se méprisier tout entier". E justifica o que no século XVII se dizia: "Où finit La Rochefoucauld commence le christianisme".

Esse cepticismo filosófico de Matias Aires, entretanto, parece cessar, em face dos sistemas baseados nas ciências físicas e matemáticas que se desenvolvem a partir de "Cartésio". E nisso vemos a outra face do nosso Matias Aires, o estudo de ciências naturais e matemáticas em Paris, que se impregnara já do racionalismo experimental de Newton e de Locke, os novos ídolos do século, e cita Gassendi. Embora no próprio Pascal pudesse ter aprendido o mais sadio espirito experimental que Locke iria deturpar com o seu empirismo materialista.

— "Hoje as filosofias todas se compõem de matemáticas; de sorte que já não há silogismo, que conclua se não é fundado em alguma demonstração geométrica; na física não se está pelo que se diz, senão pelo que se vê... A formação das nuvens, do vento, da chuva, dos raios, e terremotos, e de outros muitos effeitos naturais, a quimica não só ensina como se produzem, mas também os emite; e isto sem ser necessário saber se o silogismo está em Barbaça, ou em Ceiraent. Um lambique, um solpilo, uma máquina pneumática, e a mistura de vários corpos, explicam mais em uma hora, do que um professor de filosofia em muito tempo; o entendimento percebe melhor sendo ajudado pelos olhos, do que por si" (fragm 126).

Era Locke contra Descartes. E ambos contra a tradição filosófica aristotélico-tomista, que Matias Aires, ludido pelos preconceitos do seu tempo, julgava incompatível com o espirito de experimentação científica.

Nem assim se corrigia o seu cômbrilo misantropismo. Hob-

bes também fôra um de seus mentes. A origem do mundo para ele, não nos revela um espetáculo de paz mas de luta. Não é nas Escrituras, de onde tirara o "vanitas vanitatum" para epigrafe de seu livro, mas no "bella omnium contra omnes" do filósofo do Leviathan, que Matias Aires ia tirar a sua concepção da origem da sociedade na luta: "Na infância do mundo começaram logo a haver combates" (fragm. 28). E o poder não tem outra origem, em contradicção aliás com o que em outra parte dizia do direito divino dos reis, senão na força — "Os primeiros homens, que á força de ferro, e sangue se fizeram árbitros da terra." (fragm. 26).

Em tudo isso, em todas essas marchas e contramarchas, o que se nota é o homem dos dois séculos, quase sempre sombrio como La Bruyère, mas por vezes ingênuo como d'Alembert. Embora o que domine seja sempre o século XVII e nele o seu Jansenismo. Faguet escreveu que: "Les penseurs du XVIIe siècle ont été partagés entre le Jansénisme et le Cartésianisme" (Dix - septième siècle. Etudes et portraits littéraires. p. 64). Matias Aires optou pelo primeiro.

RUY E A BAHIA

Vão os despojos de Rui Barbosa seguir para a Bahia. Ali, no pantem levantado pela gloriosa terra que tantos outros vultos eminentes tem dado ao Brasil, repousará para sempre o grande varão, o homem simbolo, que representa tudo o que existe de mais alto e fulgurante nos sentimentos do civismo, da dignidade nacional, dos anseios de nossa alma para a Liberdade, o Direito e a Justiça.

Será uma radiceo, significativa hora, aquela em que o paladino intrépido de todas as nossas liberdades regressar á terra do seu berço.

Foi em todos os tempos íntima e profunda a corrente de simpatia, de solidariedade, de amor, que ligou Rui Barbosa a Bahia. Foi em Salvador que ele pela primeira vez se impôs a consideração dos brasileiros, ja como jornalista, nas columnas do "Diário da Bahia"; ja como parlamentar, na Câmara da Provincia. Ali fez elle as suas primeiras grandes campanhas, defendendo um melhor sistema de eleições, defendendo a liberdade de consciência dos brasileiros, combatendo a conscrição. Foi também na Bahia que elle fez a última de suas grandes campanhas, aquella em que, em 1913, contra Seabra e Antônio Moniz, pregou, apóstolamente, em quase todo o Estado, a candidatura do dr. Paulo Fontes.

A Bahia retribuiu-lhe esse amor. Basta ver-se quantas vezes o Estado o elegeu para o Senado da Republica. Eito para o Senado, por ocasião da Constituinte (1890), ele renunciou á sua cadeira dois anos depois, tendo ainda quatro anos de exercicio. A Bahia torna a elegê-lo. Findando o seu mandato em 96, é ele reeicido em 97; e assim successivamente, em 1906, em 1915 e em 1921 (em virtude de outra renúncia, pois o seu mandato haveria de terminar em 1923). Quer dizer: desde a fundação da Republica até o dia de sua morte, mereceu Rui dos seus constituidores a successiva reeleição para o Senado.

Não é este fato bem expressivo do acatamento e da consi-

(Continua na pag. 154)

PROLOGO AO LEITOR.

EU que diffe mal das vaidades, vim a cair na de ser Author: verdade he que a mayor parte destas Reflexões escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade; houve quem a fuscitou, mas confesso que consenti sem repugnancia, e depois quando quiz retroceder, não era tempo, nem pude conseguir o ser Anonymo. Foy preciso por o meu nome neste livro, e assim fiquey sem poder negar a minha vaidade. A confissão.

Fac-limite da página do PROLOGO da 1.ª edição das "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens".

Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros

Em março de 1937, o diretor de *Autores & Livros* teve ocasião de fazer uma longa entrevista com Alberto de Oliveira, entrevista em que o poeta deixou fixados numerosos dos seus pontos de vista acerca de problemas de literatura e de estética. Publicou essa entrevista no "Jornal do Brasil", em 25 de março daquele ano, assinando-a com o pseudônimo que então usava em certos trabalhos — o de Gonçalo Jorge. Saída a entrevista, apareceram na imprensa carioca azedos comentários, assinados por Nestor Victor e Thomas Dellino. Aqui faço reproduzir a entrevista que então publiquei, bem como duas cartas que Alberto de Oliveira escreveu a respeito dessa conversa que teve comigo — uma delas a mim enviada, a outra enviada a Nestor Victor. — *Mácio Ledo.*

Alberto de Oliveira possui uma das mais belas glórias que o destino ainda concedeu a um artista no Brasil. Admirado e querido pelos seus contemporâneos, unanimemente, escolhido, num pleito disputado, príncipe dos poetas brasileiros, depois do desaparecimento de Olavo Bilac; respeitado e amado pelos seus companheiros da Academia de Letras, que lhe tributam essa estípite cheia de veneração que inspiram todas as vidas nobremente dedicadas ao trabalho intelectual — o autor do *Livro de Ema, da Terra Natal* e do *Ramo de Arvore* representa em nossas letras alguma coisa de verdadeiramente augusta. Não obstante ser o nosso um país que em geral se descarta do homem que verdadeiramente o representam e honram, no terreno do pensamento e da meditação, já o poeta teve a sua mentalidade, o seu espírito celebrados condignamente. E a ideia de ser-lhe erigido um monumento, ideia que tanto entusiasmo despertou em todos os meios de inteligência nacional, já de si é bastante para revelar o carinho, o afeto que toda a nação tributa àquele que, através de versos imortais, tão altamente tem elevado o nome de nossa pátria.

O príncipe dos poetas brasileiros reside hoje em Niterói, na rua Paulo Alves. É uma bela chácara, cercada de um jardim e um pomar. Ali, entre as suas flores e as suas árvores, no contacto das colunas amigas, e grande poeta panetista, cuja vida tem sido um deslumbrado idílio com a natureza, vai, dia a dia, pacientemente, num labor nobre e dignificante, repolindo, corrigindo, aperfeiçoando, os seus sonetos, os seus poemas, os seus versos de ouro.

Foi na chácara de rua Paulo Alves que tivemos a honra de conversar com Alberto de Oliveira, e bem assim de ouvir um pouco de suas ideias e opiniões acerca de coisas da vida, da inteligência e do pensamento.

Conversar com Alberto de Oliveira é um verdadeiro prazer de espírito. Esse homem tem uma cultura larga, fina, profunda, vasta. Seus conhecimentos sobre quaisquer questões de literatura e de poética são extensíssimos. Esse homem que se tem recuado a vasar em prosa as suas ideias de crítica, é, na conversa, um sutil, um adido comentador, um analista sério, que vai ao fundo dos espíritos, ao mais íntimo das inteligências, para encontrar a explicação de uma atitude intelectual ou de uma opinião.

A QUARTA SÉRIE DAS "POESIAS"

Alberto de Oliveira nos recebe com essa encantadora cordialidade, que só por si bastaria para justificar o título de "príncipe" que os contemporâneos lhe deram, e leva-nos para a sala de estudos, onde está a sua livraria, e onde, durante as manhãs e as tardes, de trabalho, em sua misteriosa mesa. De frente da mesa, um quadro, com o retrato de Dante; do lado oposto, dois retratos de Camille, um deles uma preciosidade, que o misantropo português aparece, com uma expressão de energia e de força, só comparáveis à força e à energia que ele vasou em seus livros formidáveis.

Queremos saber de Alberto de Oliveira quais os trabalhos novos que a sua arte nos reserva. O poeta responde-nos: — Estou com a minha quarta série das *Poesias* já pronta, e entregue ao editor. Falta apenas o papel, para poder o livro entrar nos prós. Espero que, dentro de três ou quatro meses, esteja ele na rua.

A quarta série das *Poesias* abrange os poemas e os sonetos que o poeta tem escrito, nos últimos quinze anos. É um livro de grande maturidade de pensamento, de serenidade, de melancolia. Alberto de Oliveira, nele, lança um olhar demorado a toda a estrada da vida, que tem percorrido até agora. Nada mais doce e nem mais triste. Também, do que é de olhar que o poeta, *del mezzo del camin*, lança aos dias vividos, que foram cheios de esplendor ou cheios de sofrimento.

Não faz muito tempo, a Academia de Letras, numa sessão que realizou, teve a alegria de ouvir do próprio poeta uma longa explicação do que seja essa série dos seus versos. E a impressão que deixou a leitura dos últimos sonetos e poemas de Alberto de Oliveira foi longa e profunda.

*Agora é tarde para novo rumo,
Dar ao requioso espírito; outra via.
Não terci de mostrar-lhe e do fantasia
Além desta em que peno e me consumo.*

*Al, de sol nascente e sol a prumo,
Dêste ao declínio e ao desmarcar do dia,
Tenho ido empós do ideal que me alumia,
A lidar com o que não é sonho, é fumo.*

*Al me hei de ficar até cansado
Cal', inda abençoando o doce e amigo
Instrumento em que cunto e a alma me encerra;*

*Abençoando-o por sempre andar com go
E, bem ou mal, aos versos me harer dado
Um raio do esplendor da minha terra.*

É um soneto bellissimo, dos mais belos que ainda Alberto de Oliveira escreveu. A musa que encontrava, cultora, expressões tão altas e tão vibrantes para celebrar o amor da mulher e o amor da natureza, a musa que Araripe Júnior definiu como banhada de entusiasmo e ternura e na

GONÇALO JORGE

— Desta série faz parte, dizem o poeta, o meu livro que saiu há poucos anos, pela exigência de amigos meus — o *Ramo de Arvore*. Mas há ainda muitas outras poesias e muito outros poemas.

Com a sua voz profunda, a sua arte de dizer, ele nos recita alguns desses poemas e desses sonetos. Há uma parte do livro que representa alguma coisa inteiramente nova, na poesia de Alberto de Oliveira — é o *Cheiro de Flor*, um poema lírico e vagamente irônico, história ligeira e graciosa de uma aventura de amor, que ocorreu numa estação de águas. Nesse poema, a inspiração de Alberto de Oliveira atinge a notas extremamente intensas para definir o sentimento da paixão carnal. Aquel verso camoesiano que nos diz que se "transforma o amador na rouca amada" está aqui admiravelmente demonstrado, através desses versos ardentes. E o poeta pagou que um dia soltava o seu brado verdadeiramente apoucado — "não amo, eu só não amo, em noite assim tão linda!" — alacria, agora, as mesmas notas intensas, quasi épicas de tão fortemente líricas que são, para celebrar a intensa poesia do seu intenso amor.

Mas esse livro não será somente um livro de exaltação amorosa. E bem ao contrário. Assim como Olavo Bilac deu no seu livro da maturidade, em *Tarde*, uma espécie de história de seu pensamento, de suas meditações, das suas aspirações, assim também aqui temos uma espécie de história do pensamento e da alma de Alberto de Oliveira.

Esta série de poesias abre com êste sêculo admirável, de tão profunda integração do poeta com a natureza que o cerca e que é filialmente adra:

qual Silvio Romero descobria um intenso amor panetista, mantem, ainda hoje, ao lado da primeira dessas tendências, o grande e puro culto pela natureza. Entra os sonetos do livro conta-se o que passamos a citar, e que é altamente característico dessa religião:

CEU CARIOCA

*Chamas-me a ver os céus de outras paizes,
Também claros e azuis ou de igneis cores,
Mas não violentos, não abrasadores
Como êsta, bá-baro e implacável — dizes.*

*O Céu que ofendes e de que maldizes
basta-me, entanto; amo-a com os seus fulgores,
Amam-no poetas, amam-no pintores,
Os que tiram do sonho e os infelizes.*

*Desde a infância, as mãos postas e ajoelhado,
Resando ao pé de minha mãe, que o vejo,
Segue-me sempre... E ora, da vida ao fim,*

*Em pindo o último sonho, é meu desejo
Tê-lo sereno assim, todo estrelado,
Ou todo sol, aberto sobre mim.*

A GERAÇÃO FUTURISTA

Alberto de Oliveira mantém-se integralmente fiel aos seus ritmos e às suas disciplinas poéticas. A geração nova rompeu com os ritmos convencionais, com as rimas, com todo

quanto representa os preconceitos das antigas escolas. Não como um propósito de rejeição mas sim como um propósito da coerência consigo mesmo, éle se mantem fiel aos seus velhos cânones.

Mas isso não o priva de olhar com simpatia a obra da geração libertária:

— Reconheço, diz êle, que toda essa ânsia de liberdade, de independência, de autonomia, nos moços, é justa. A mocidade fica bem em grão de irreverência. Depois é da história de todas as literaturas esse esforço de libertação.

Alberto de Oliveira cita nome; que lhe parecem representar melhor a inteligência e o espírito da geração que, por aí a fóra, leva avante um trabalho de independência; os chamados futuristas do Rio, de São Paulo e de Minas, os rapazes do grupo da "Estétion", etc. Tem uma simpatia extrema pela poesia de um Manuel Bandeira, de um Raul de Carvalho, de um Ribeiro Couto. E lembra, com particular emoção, a bela poesia de Raul de Leoni, que um destino iniquo nos furtou tão moço.

A POESIA PARNASIANA

— Minha geração, continua Alberto de Oliveira, fez uma obra semelhante. Quando nós surgimos, trazíamos o desejo de reagir contra o romantismo, que estava em suas últimas vasas. Nessa ideia, então, era apagar de vez em nossos versos tudo quanto lembrasse, mesmo de longe, as abstrações poéticas, as melancolias dos velhos mestres, dos quais então sorriamos irreverentemente. Como aconteceu na França, com os parnasianos, nos também aqui quisemos pôr em prática a teoria do câmbio verso: *pas de sonnets humains dans les chéats des poètes!* Dal a derivação que cada um de nós procurou fazer para os temas da história, da natureza, da religião, e até da ciência, em prejuizo de quanto nos parecia ser sentimentalismo, romantismo. E daí, também, o hábito que então se vulgarizou de nos chamarem de impassíveis. Eu fui particularmente vítima dessa acusação. E é muito se, lentamente, os meus acusadores se foram esquecendo de bater nessa tecla. Ao nosso lado, ao lado dos parnasianos, dos impassíveis, havia poetas de outras tendências. E a mais singular era, sem dúvida aquela que Silvio Romero batizou de científica, e na qual pontificava, com uma voz notada, Martins Júnior. Nada disso subsistiu. Vinus que tudo aquilo era apenas a imaginação, o sonho de uma geração impetuosa e forte. E cada um de nós, com o tempo, regressou às suas próprias emoções; à sua alma, aos seus anhelos. Hoje, essa é a verdade, cada um de nós é um romântico a seu modo...

O ROMANTISMO

Esses raciocínios levam Alberto de Oliveira a falar sobre um dos mais notáveis momentos do espírito humano, o Ro-

mantismo, que hoje se comemora, pela passagem do seu centenário, em todo o mundo. Alberto de Oliveira tem uma fascinação particular por Baudelaire, que foi a primeira grande influência literária que se fixou em sua inteligência. Foi nas *Flores do Mal* que êle sentiu as primeiras emoções da beleza e compreendeu o divino milagre da poesia. Baudelaire é um dos vultos mais singularmente românticos de toda a literatura universal, posto que tenha pertencido a uma geração fora do grande movimento. Ao lado de Baudelaire, êle ama Heine, Gautier, Vigny, Musset, Chénier.

De Heine tenho algumas traduções nos meus livros. Um dos poemas do *Mar do Norte* está na terceira série das minhas *Poesias*, vertido para o português.

Lembramos-lhe que também na primeira série existe uma tradução do grande poeta alemão, de um dos números do *Intermezzo*: aqueles versos que assim começam: "tem o céu mil estrelas, minha flor", etc.

Alberto de Oliveira lembra episódios esquecidos, mas singulares, que caracterizam o grande espírito de malícia e de irreverência de Heine. Estava êle enfermo, sofrendo a monstruosa parálise que o reteve no leito durante anos, quando, um dia, a sua solidão, o seu abandono foram interrompidos. O criado, que o servia, trouxe-lhe a notícia de que lá embaixo estava um homem que o queria visitar, e que se chamava Teófilo Gautier. Heine mandou entrar o poeta, amigo de outrora, durante os anos de sua radica mocidade. E quando Gautier penetrou na alcova do moribundo, Heine, suspirando a custo a palpebra flácida, murmurou apenas, como possuído de um incrível assombro:

— *Mein, mein; toujours original!*

Alberto de Oliveira declara que leu muito, durante a mocidade, André Chénier, cujos divinos pastiches do Grego profundamente admira. Mas, ao lado de Baudelaire e de Heine, suas predileções maiores vão para Vigny, o grande e doloroso poeta, o maior talvez, como pensamento e como realidade, dos poetas românticos. Recita trechos de *Moyssés* e do *Lobo*.

OS CLASSICOS — UM POUCO DE LITERATURA COMPARADA

Mas o maior amor literário de Alberto de Oliveira vai, talvez, para os antigos.

Ele lê, e sempre com um religioso amor, as grandes obras dos gregos e dos romanos. Homero e Virgílio têm o melhor dos lugares na sua biblioteca. Fala-nos sobre os tradutores portugueses e brasileiros da *Ilíada*, da *Odysseia* e da

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL

DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros

Enéida. Refere-nos um fato interessante: Morreu há anos, no Rio, um apaixonado dos estudos clássicos, chamado Antônio Aguiar. Era um médico, que dedicava as suas horas de lazer às letras. E, assim, através de anos e anos de trabalho acurado, traduziu os dois poemas de Homero. Informada disso, a Academia desejou adquirir os manuscritos desses trabalhos e mandou uma comissão, composta dos Srs. Alberto de Oliveira, Luiz Murat e Felix Pacheco, examinasse os originais. Mas está agora não pode ser a tradução publicada, por que a comissão não se pôde desincumbir, em virtude de razões de força maior, da importante tarefa.

O poeta se encaminha a uma das estantes e retira um volume:

— É o primeiro volume da *Enéida*, traduzida por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. A edição é de 1845. Consiste de três volumes e é considerada, pelas maiores autoridades, a tradução mais fiel que existe do grande poema virgiliano. Inocência a leuva particularmente.

Compara, entre si, as duas traduções que reputa as melhores das três existentes no português — a de Odórico Mendes e a de Santos Reis. A de Odórico parece-lhe mais inspirada, mais penetrada de uma larga e bela poesia; porém a de Santos Reis parece-lhe mais exata, mais fiel aos textos latinos. Alberto de Oliveira analisa as manias latinizantes de Odórico Mendes, citando alguns dos pitorescos neologismos, muitos dos quais são estranhamente complicados, que o poeta maranhense criou.

O grande poema latino o levava a fazer uma pequena digressão de literatura comparada. — O episódio das despedidas de Dido com Enéas, que em Virgílio tem uma beleza profunda, está em diversos autores. Está em primeiro lugar em Catulo, onde o mantuanu o foi encontrar. Catulo era anterior a Virgílio cerca de quarenta anos. Mas está também, em Sá de Miranda no *Oriente*. É a mesma página que encontramos em Agostinho de Macedo e no Santa Rita Durão.

UM POUCO DE REMINISCÊNCIAS...

Alberto de Oliveira narra-nos episódios, lembranças de amigos, de poetas, de homens de letras. Explica-nos a razão de ser para o fato de ter como patrono na Academia de Letras a Cláudio Manuel da Costa. Desejavamos saber se fora essa escolha ditada por alguma admiração particular. E ele:

— Não. Muito pelo contrário. Há quantidade de poetas brasileiros, que eu estimo e preso mais do que a Cláudio. Mas quando a Academia me aclamou seu membro, juntamente com alguns outros homens de letras, eu me encontrava ausente do Rio. De sorte que todos os grandes nomes já estavam escolhidos. Restava uma lista de três. E entre esses o que mais me interessou foi Cláudio Manuel da Costa. Recelo, porém, que ele não tenha direito a um lugar de tal monta. E me parece que a Academia de Letras deveria modificar o quadro dos patronos. Assim é que eu não compreendo como possa estar fora do quadro o grande José Bonifácio, um dos homens mais ilustres que o Brasil tem possuído em todos os tempos.

O poeta analisa alguns dos atuais patronos, para evidenciar a necessidade imperiosa dessa modificação.

Ele evoca, num carinho comovido, a sua grande amizade com Olavo Bilac.

SILVIO ROMERO E CRUZ E SOUSA

No decorrer da conversa, falamos sobre o poeta dos *Broquéis*. Sabe-se que, há quatro ou cinco anos, Cruz e Sousa, foi celebrado por vosses ardetes. Quando saiu o volume de suas *Poesias*, que se achavam, havia anos, esgotadas, houve muitos estudos em torno dele. E não faltou quem quisesse enxergar, naquêlo que era misteriosamente chamado o "poeta negro", um espírito singularmente belo, alguma coisa como um Antero de Quental brasileiro. Por um momento, pareceu que Cruz e Sousa estava destinado a ser, no Brasil, uma religião literária, à semelhança do que, há muitos anos, é para os franceses Stendhal e do que agora já começa a ser Marcel Prost.

Alberto de Oliveira explica a gênese do caso Cruz e Sousa: — Isso foi um resultado do temperamento extremamente pessoal de Silvio Romero. Silvio era um grande crítico, um estudioso, um erudito, um sábio; mas era, também, um indivíduo que não podia reagir contra os ímpetos do coração. Ele se achava em casa de um amigo, passando férias; e esse amigo era grande admirador e companheiro de Cruz e Sousa. Certa tarde, o amigo trouxe a Silvio os versos de Cruz e Sousa, e Silvio os repeliu com enfado. O outro retrucou que ele era injusto. E pintou a vida desgraçada do poeta: a miséria infinita, partilhada por ele com a sua mulher e quatro filhos... toda essa gente sustentada apenas por cento e cinquenta mil réis, minguaadamente ganhos numa secretaria de estrada de ferro, onde pouca era a consideração tributada ao pobre homem... Silvio ficou comovido, e pediu que o outro lesse os versos de Cruz e Sousa. E, à proporção que os ia ouvindo, ia modificando o juízo. — *É interessante! É belo! É muito bonito! Admirável!* — Por fim o amigo recitou a poesia que tem o título de *Caveira*. E quando chegou ao verso que diz: — *Caveira, caveira, caveira, caveira!* — Silvio não resistiu mais; levantou-se da rede em que se encontrava, proclamando que aquilo só achava rival no famoso monólogo de Hamlet com o crânio de Yorick. Foi daí que proveio propriamente, a voga de Cruz e Sousa. Mais tarde, escrevendo um ensaio sobre literatura para o *Livro do Centenário*, Silvio Romero elevava ao sétimo céu o poeta. E foi com um particular entusiasmo que ele exaltou aquela poesia das *Vozes veladas, veludosas vozes*, na qual lhe parecia passar toda a melancolia, toda a angústia da alma da raça africana. Quando a Cruz e Sousa, pessoalmente, ele foi um homem modesto, retraído, tímido; dir-se-lhe que ele sempre se sentia martirizado pela cor que o destino lhe dera. Era verdadeiramente um homem humilde. E de certo muito surpreendido ficaria, se se pudesse ver disscutido como um semi deus literário.

que Raimundo escrevia um dos seus livros, nós morávamos juntos, na cidade, onde ele era juiz. Raimundo tinha um estranho pudor do seu talento poético. E nem mesmo aos mais íntimos gostava de revelar essa feição de seu espírito. Ele ficava longas horas durante a noite, insone, a andar dentro do quarto, susurrando coisas, à toa, a toa... Um dia, perguntei-lhe: "versos, meu Raimundo?" E ele, já contrafeito. "Qual! Isso são uns autos, que eu estou estudando..." Mas eram versos mesmo.

UMA REMINISCÊNCIA DE RAIMUNDO CORREIA

Alberto de Oliveira recorda com um carinho particular, o grande poeta do *Mal Secreto*: — Líquid-nos, a Raimundo Corrêa e a mim, uma amizade larga, profunda e que me enchia de orgulho. Raimundo era um dos homens melhores que têm existido na terra, um coração imenso, uma generosidade sem fim. Na ocasião em

os estudos, os contos de Raimundo: — É evidente, acrescenta que Raimundo não teve, como Bilac, uma grande pena de prosador. Mas Bilac foi um caso raro, em nosso país. Se ele não é considerado como prosador no lado dos maiores que temos tido, é isso porque a sua poesia era tão grande e vasta, que faz sombra à sua prosa. Mas Raimundo era um prosador sobrio, agil e brilhante. E pode perfeitamente figurar ao lado dos mais ilustres que o Brasil tem produzido.

eram as belas poesias, os encantadores sonetos que foram recolhidos nos *Versos e Versões*. Nesse livro há uma coisa estranhamente sem gosto: é o título que o poeta achou de dar ao livro. Não é possível compreender por que triste sortilégio de algum demônio literário o mais elegante, o mais fino do poetas que o Brasil ainda tem tido, chegou a dar a seu livro este título absurdo: *Versos e Versões*. — Um trocadilho, um *double-sens*, um horror de título enfim!

Alberto de Oliveira refere-se às *Poesias*, de Raimundo, que acabam de aparecer em recente edição. O que o entristece, nesse acontecimento, é que a obra de Raimundo está nela muito limitada, pois, como se sabe, a atual edição reproduz a edição de D. João da Câmara.

Considera que se torna necessário fazer a publicação completa de Raimundo Corrêa, abrangendo tudo quanto existe de esparsa devido à sua pena. A obra esparsa, em versos, de Raimundo, acrescentada dos sonetos e das poesias que ele propriamente suprimiu dos seus livros, daria um largo volume. Quanto ao prosador, acha que seria de conveniência organizar também um livro, com os trabalhos, as crônicas,

que ele produziu tenha sido perfeito. E' essa a falha que se observa aqui. Ha sonetos maravilhosos — e conveniências que bem poucas — ao lado de outros, que em nada contribuem para dar lustre e glória ao poeta. E isso é uma grande tristeza, pois que, se a seleção de que falo tivesse sido observada, nao creio que o livro de Luiz Delfino deixasse nada a desejar, quando em comparação com os maiores obras de versos escritas em nossa lingua.

Essa opinião é justa. E esperamos demonstrar, em outro trabalho, a veracidade da observação.

UM JULGAMENTO SOBRE LUIZ DELFINO

O acaso da palestra leva-nos a falar sobre Luiz Delfino. Apareceu recentemente o primeiro volume das versos do poeta catariense — *Algas e Musgos*.

Luiz Delfino foi, como se sabe, um dos mais venerados poetas do seu tempo. Ele vivia entre os contemporâneos, um prestígio extremo. E, embora, nunca tivesse sido publicada a sua obra, era apresentada como um gênio grande e ardente, como um poeta quasi ciclico. Em sua lira diziam existirem todas as cordas, desde as cordas românticas do amor sensual, até as grandes cordas solenes da epopeia.

Alberto de Oliveira respeita e ama o poeta que conheceu pessoalmente. Mas infunde-lhe tristeza o atual livro:

— Não presidiu à organização deste volume um critério de gosto, a seleção que se fazia necessária. Os encarregados do trabalho, que dedicam, aliás, a Luiz Delfino uma admiração sobredoutrada de amor, reuniram indiscriminadamente tudo quanto encontraram. Ora, Luiz Delfino trabalhava febrilmente, às vezes alucinadamente. E é natural que nem tudo

De resto, nao faz muito tempo, Alberto de Oliveira, em conversa com o filho de Luiz Delfino, teve occasiao de sugerir-lhe que organizasse uma comissao de escritores fieis a memoria do pae catariense para proceder a esse trabalho de selecao. Lembrou, entao, Olavo Bilac, que era vivo, o Sr. Luis Murat, e se o julgasse digno da incumbencia, ele proprio, para compor a comissao. A ideia nao foi alem da conversa. E o livro agora apparece, com relevantes falhas.

Resta, aos admiradores de Luiz Delfino, a reflexao de que outros volumes posteriores irao apparecendo com os versos do poeta. E é provavel que, nas paginas futuras, haja tao larga messe de obras-primas, que nos faça esquecer a impressao amarga, a verdadeira decepcao, que as *Algas e Musgos* nos deram.

A esperanca ainda é um feliz consolo, neste mundo que a mais doce das orações católicas chama, melancolicamente, de vale das lágrimas...

ALGUMAS PRECIOSIDADES DE BIBLIOMANO

O poeta interrompe um pouco o fio das reminiscências e,

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAIS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 748 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
 " integralizado Cr\$ 4.877.200,00
 Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
 Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301
 Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.

Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros

abrindo uma das estantes nos mostra algumas das preciosidades bibliográficas que possui: um admirável exemplar das *Mulheres de Goethe*, de Saint Victor, ilustrado; um *D. Quixote*, ilustrado por Gustavo Doré; *Chô*, os *Contos de Jacques Tournebroche*, de France. Sua *camiliãna* é magnífica. Talvez uma das mais preciosas existentes no Rio. O poeta conta que possuía uma das mais raras reliquias camiliãnas; um dos únicos exemplares, salvo do auto de fé que o próprio romancista fez ao seu romance contra a casa de Bragança, depois de ter recebido a visita de D. Pedro II. Estava Camilo a terminar o seu romance, quando o Imperador o visitou. Tão calvo ficou ele do rei do Brasil, que não quis mais terminar o livro. Já impresso até quasi às últimas páginas. Queimou tudo quanto existia. Mas um amigo dele, que estava presente, salvou oito exemplares das chamadas. Um desses Alberto veio a possuir. E foi esse o presente que ele deu, de aniversário, há alguns anos, a um dos seus mais queridos amigos, que é também uma das mais belas glórias do Brasil intelectual de hoje em dia.

A CASA DA RUA ABILIO

Out'ora, Alberto de Oliveira residia na rua Abílio. Era uma casa retradada, austera e grave. E ali, durante vinte e quatro anos, o poeta residiu, em meio àquelas todos que lhe eram caros e ao lado daquela que perfumava de um divino encanto a sua existência. Agora, ele nos fala sobre a sua antiga casa:

— Ninguém imaginará, diz ele, contendo a sua comção, a saudade que eu tenho da casa em que vivi quasi meio século. Mas não podia mais ficar ali. Minha enteada, desde que ficou orfã, viveu alimentando um único sonho: entrar como religiosa num convento. E eu não soube e não pude contrariá-la. Ela fez-se freira do Carmelo, e a nossa casa é hoje um convento dessa Ordem. E' lá que semanalmente eu vou levar a essa querida criatura, a quem eu amo como minha filha, a visita de minha saudade.

Alberto de Oliveira cantou, num dos seus sonetos mais belos, a casa da rua Abílio. São estes os versos: tão cheios de alma, de pureza, de elevação espiritual, em que é a celebração:

A CASA DA RUA ABILIO

*A casa que foi minha, hoje é casa de Deus.
Tem no topo uma Cruz. All'viu com os meus,
All' nasceu meu filho, all' só, na orlandada
Fiquei de um grande amor. As vezes a cidade*

*Deixa e vou vê-la em meio aos altos muros seus.
Sei de lá uma prece, elevando-se aos céus.
São as freiras rezando, Entre os ferros da grade,
A esperar-lhe o interior, olha a minha saudade.*

*Um sussurro também como esse, em sons dispersos,
Ouvia não há muito a casa. Eram meus versos,
De alguns talvez ainda os ecos faltarão.*

*E em seu surto, a buscar o eternamente belo,
Misturados à voz das monjas do Carmelo,
Subirão até Deus nas asas da oração.*

Esse episódio revela todo o desinteresse do espírito do poeta. E semelhantes a esse há vários outros.

Recentemente Alberto de Oliveira esteve em Araxá, Minas Gerais. Logo que ali chegou observou o lamentável estado da Igreja local. O vigário explicou-lhe que havia uma Igreja nova, mas cuja construção estava interrompida. Alberto prontificou-se a fazer uma conferência em benefício das obras do templo. E a fez mesmo. O poeta contribuiu azim, valiosamente, para que o sacerdote pudesse levar adiante uma obra que urgia.

E a sua conferência valeu por uma consagração.

Em Ribeirão Preto também teve êle oportunidade de falar em público. Pox, então, uma espécie de antologia de sonetos, de todos os poetas brasileiros, comentando cada um deles com algumas palavras.

A ESTATUA

Talvez um pouco indiscretamente, falamos no poeta sobre a ideia de ser-lhe erigida uma estátua. Alberto de Oliveira, com a sua modestia e a sua simplicidade, acha que deve equivar-se à homenagem:

— Não mereço essa honra, diz-nos. Mechado de Assis, glória de nossa raça, ainda não tem a estátua que lhe deve ser levantada. Ruy Barbosa também não a tem. Porque razão hei de tê-la eu?

Reconhecendo, embora, a injustiça com referência a Mechado de Assis e a Ruy Barbosa, a *obra que reconhecemos* também a justiça da homenagem que deve ser prestada ao poeta insigne da *Alma em flor*.

— Mais tarde, mestre, como aconteceu com o ilustre Mestre, o Alberto de Oliveira que cruzo conosco nas ruas terá ocasião de cumprimentar riso-

nhamente o outro Alberto de Oliveira, aquele que no bronze há de immortalizar e celebrar para as gerações vindouras a pureza de uma grande glória.

QUAL O LIVRO QUE PREFERIA TER ESCRITO?

Por último, tínhamos uma curiosidade quasi infantil: desejávamos saber de Alberto de Oliveira qual o poema que mais vivamente o toca, em toda a literatura universal, qual aquele que éle mais vivamente sente e ama.

Ele reflete durante um minuto. Depois, lembra o *Hamlet*, o *Romeu e Julieta*, o *Otello*... Depois, lembra a *Divina Comédia*.

— Mas não era nenhum desses. Se um gênio onipotente me desse a escolher a glória de ser o autor de poema eterno, eu escolheria *Os Lusíadas*. Compreendo o melhor do que a qualquer outro, o poema divino de Camões.

Mais outra reflexão de um minuto, e-lho a tergersar:

— Sim... Mas talvez eu ainda ame mais profundamente o *Fausto*. E' bem verdade que não existe uma só obra de homem que valha a glória sublime do grande Goethe.

Vem-nos uma ligeira dúvida: — Talvez seja mais bela a glória de quem escreveu o *D. Quixote*...

Alberto de Oliveira parece concordar. Ou, pelo menos, éle irmana num claro de igual admiração o olimpico poeta de Weimar e o desventurado criador do Cavaleiro da Triste Figura.

Era noite, já velha. Deixamos o grande poeta, no seu retiro. Em nossa memória, encantada, vinha soando a música de alguns dos mais for-

mossos versos que, em nossa língua, ainda nos foi dado ouvir...

NOTAS A ENTREVISTA

I
Carta de Alberto de Oliveira a Mácio Leão

Icarai, 25 de março de 1927.
Meu caro Mácio Leão:

Surpreendeu-me hoje o "Jornal do Brasil" com a página que me consagra, toda, meu bom amigo, lavor e camero de sua pena, que me quis envaldar, encarecendo o quase nada que valho como poeta.

Nunca me esquecerá a noite que motivei de sua parte este largo e honroso artigo e em que me coube o prazer vivíssimo de o conhecer mais de perto e melhor. Já lhe consagrava não vulgar simpatia e apreço; ora, além de prezá-lo como homem, poeta e prosador, quero-lhe como a um dos novos e melhores amigos; bastaram para isso as poucas horas, tão depressa passadas, de sua visita.

Reconhecido de coração pelos conceitos sobre mim externados, venho pedir-lhe ratificação a alguns pontos dessa página de distinção ao meu nome. E natural ocorram às vezes, ao noticiarem-se interlocutores como a que tivemos, confusões ou equívocos; demais, justificando-os, tantos foram os assuntos tratados, as questões debatidas, os casos literários sobre que discorremos, que não há estranhar, em resumo da conversação, qualquer falta ou engano.

O primeiro reparo é quanto à tradução da *Enxada* por João Gualberto F. dos Santos Reis. Inocência não a louva, como V. me faz afirmar, nem me lembra nada haver lido de autoridades que a deem como fidelíssima. O que diz o bibliógrafo português é ter ideia de haver Gualberto publicado as versões dos livros IV e VI, quando já desde 1845-1846 corria impressa na Bahia a tradução completa da obra. Esta e em meu desautorizado parecer a tradução mais fiel da obra, mas também a de menos poesia ou mais árida dentre as cinco ou seis (e não treze) existentes em nossa língua.

Logo adiante, onde está *Sá de Miranda* inspirando-se no episódio de D'ão (Virgílio) ou no de Ariadne (Catulo) deve ler-se *Sá de Meneses*, com o caso de sua Citônia, na *Maiorca conquistada*.

Outro ponto. Convinha declarar — e aqui o faço — que foi a Melo Moraes Filho que ouvi, e V. o referiu levemente alterado, as razões que levaram Silvio Romero a modificar o julgo que formava de Cruz e Sousa. Quero crer que não é a Silvio a quem mais deve o autor da *Broquéis* grande parte de sua nomeada, mas à dedicação extremada de seu grande amigo e também meu amigo Nestor Victor.

No que toca a Luis Delfino acredito ou não haver eu bem expresso ou não ter V. bem reproduzido o meu pensamento. O que basta talvez a excusar o grande poeta da impudência desagradável dada por algumas páginas de *Algas e Musgos*, é saber-se que éle, o autor de *Canções*, não revia ou corrigia os versos, nem, como Alvarães de Azevedo "oclará o pó que deixa a lima"; produzia muito, incansavelmente, e natural é tivesse às vezes horas menos felizes de composição. Daí haver em seu acervo poético trabalhos inferiores, descuidados e até de mau gosto de forma, e expressão, ao lado de muitos e muitos ótimos, excelentes, admiráveis. Certo Delfino

no faria escrupulosa seleção de suas produções, se as tivesse de dar em volume. A publicação, infelizmente, veio póstuma. O ilustre filho do poeta, meu amigo Sr. Tomás Delfino, resolveu, contra a opinião de alguns homens de letras devotados à memória do autor de tanta obra-prima, dar à publicidade, integralmente, sem escolha nem correção, o tesouro literário que lhe coube guardar. Esta a razão das folhas amenas ou fracas de *Algas e Musgos*, onde, não obstante, e ao contrário do conceito que V. me atribui, serem poucos os sonetos maravilhosos, não é escassa a quantidade dos verdadeiramente belos e admiráveis.

A propósito da ideia de sonhado monumento, concluírei transmitindo-lhe a seguinte carta, que ainda há pouco, longe do Rio, enderecei a Jorge Jobim:

"Araxá, 13 de fevereiro de 1927.

Jorge:
Venho pedir-te me valhas em sério vexame por que estou passando diante do público e de mim mesmo, qual o de ver meu nome em lista de subscrição na imprensa para me ser levantado um monumento, ideia original de meu querido amigo Alócio de Castro, em seu relatório de Secretário G'ral, lido ultimamente na Academia Brasileira de Letras e que eu esperava não fosse além, morrendo ali mesmo no nascedouro. Pelo que me contas em tua carta e pelo que aqui me acaba de ser mostrado em um número d'"A Noite", vejo que Alócio tem coração teimoso, querendo levar por diante o que me parecerá apenas uma de suas gentilezas ou mero brinco de sua fantasia. O que sou, na conta exata em que me estimo, não pode perpetuar-se em bronze ou pedra, porque um sópo do tempo o levará como coisa sem peso. Além disso, a distinção conferida a quem outros títulos não tem que o abonem ou o justifiquem, senão alguns versos, viria agravar a ingratitude de havermos até agora deixado sem tal homenagem alguns nomes que mais alto depõem em favor de nossa cultura e são os mais representativos que atemos nos últimos tempos, bastando dentre eles, como estrelas de primeira grandeza, apontar um, o maior de todos e de todo o Brasil: Rui Barbosa. Demais, não compreendo o alcance de render-se a quem ainda vive praço deste valor. Essas homenagens são e devem ser sempre nóstimas, embora haja aí decote uma ou outra exceção. Pedra ou bronze na representação de figuras humanas postas em ruas ou praças ou jardins diante dos olhos do público, a parte o seu valor ou significação de obras de arte, tem por fim corporizar, fixando-a indelevelmente, imagem que a sucessão dos dias pode apagar. Os vivos toda a gente os tem e os vê e de todos podem ser vistos. E como esta geralmente tem sido a regra, invertê-la ou contrariá-la, como lembrou a Aloisio, chega a parecer gesto agouro.

Mau grado naturalíssimo escrupulo em versar tal assunto, achei que devia escrever estas linhas mais do que de dissentimento, de protesto à ideia de que se trata. Pelas razões ao de leve expostas e outras mais ponderosas que te ocorrerão, aqui estou de mãos postas, meu caro Jorge, a suplicar-te demostres o poeta de *R'ário*, nosso doce e querido companheiro e amigo, de sua incliativa generosa e infeliz.

Alberto de Oliveira."

REFUTAÇÃO DE NESTOR VITOR

Publicada a entrevista, Nestor Vitor fez sair "O Globo" (11 de abril de 1927), o seguinte comentário:

"A infantiãlia de um príncipe Ninguém dirá que eu desconheço os méritos de Alberto de Oliveira ou lhe tenho negado minha simpatia. O estudo mais completo de sua obra que ate aqui se tem feito, foi o que o filz Guardado a carta com que o poeta delicadamente me agradeceu o que lhe era devido, com expressões muito lisonjeiras sobre a minha imparcialidade.

De então para cá nunca se alteraram as nossas relações do ponto em que estavam naquele tempo. Até, ultimamente, ocorreu com o meu voto para fazê-lo Príncipe.

Alberto sempre foi um flet parnasiano, como se convenção chamar os poetas de sua feição no Brasil. O foi, além de tudo, no sentido gregário. Estes podiam ter suas brigas, quer por motivos humanos, quer por motivos literários, como tinham e é tão natural. Mas tudo se passava em família. Diante do público apareciam unidos, pelo menos de certo tempo em diante. Unidos entre si e de aliança feita com os chamados naturalistas, os da prosa. E Alberto, esse, é quem menos sabe do compasso, engulindo mágoas, às vezes bem amargas, mas impassível — felizmente porque, além de tudo, a impossibilidade era da ortodoxia da escola.

Foi desse modo sensato e prático que pudésemos acabar organizando a Academia e, com o decisivo gesto do livreiro Alves, assimilando a si na velhice todas as forças socialmente preponderantes em nosso meio. Alberto de Oliveira, no entanto, é no íntimo o tipo oposto ao que parece visto na rua. Para quem só lhe conhece a estampa, éle é suntuoso e hierático. De uma indumentária e de uma "pose" que sempre tinham certo ar de Paris Grande, mas imponentes, uma coisa e outra, aos olhos da multidão. Interiormente é antes um tímido. Enquanto Olavo Bilac viveu, foi quem mandou, com seu azul e resoluto pulso, que não pareça de caricca, mas antes de bandeirante.

Mestre que foi do poeta da "Via Láctea", de obra mais considerável que o seu antigo discípulo, Alberto nunca teve o que se chama voz ativa diante dele, depois que o autor d'"A Tarde" se formou.

Olavo não revelava o mau gosto de andar disputando primazias à luz do sol, ou arrastando os adversários literários com críticas que os apresentassem antipáticamente em público. Apenas não admitia como seus amigos reais os que não lhe fossem o primeiro lugar entre os seus pares; e os adversários nítidamente não concedia. Onde éle entrasse estes deviam estar de fora. No mais, sempre cortês, sempre educado com todos. Nunca deixou de enervar ver em Alberto o seu mestre.

Foi tal situação que em todos os tempos despertou certa simpatia em nós outros, independentes da corte acambrada, por Alberto de Oliveira. Cruz e Sousa, por exemplo, nunca entrou em fala, como se costumava dizer, com Olavo; mas conservava demoradamente com o outro, sem falsa modestia, muito pelo contrário, como eu pude ver mais de uma vez. Couso, aliás, não só pode honrar o poeta ainda vivo. Porque Cruz emudecia ou tartamudeava banalidades apenas diante de quem não lhe merecia consideração

Alberto de Oliveira."

Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros

no terreno literário. Fazia-o por orgulho ou por tédio, não por ídolo modesto. Para destruí-lo apó-lo.

Alberto, pois, conheceu muito bem o Poeta Negro. Conheceu-lhe certamente as obras até all publicadas e vovava-lhe pelo menos respeito, sem o qual essa aproximação de que nada não seria possível. A amizade de Cruz e Sousa é famosa. A maneira inabita, para exemplificar, por que é na "Cidade do Rio", de que era proprietário José do Patrocínio, grande amigo de Coelho Neto, seu, berrando, trepado a uma mesa, o primeiro livro que este publicara, é uma imprudência que só por si o retrata. Ele tinha chegado então da Província e começava a trabalhar naquele jornal, estando Patrocínio na Europa.

A prova de que o nosso Príncipe atual tinha, não só respeito, como admiração pelo Negro revel está no cartão que ele me escreveu pela morte de Cruz, chamando-o de "grande poeta", coisa que deve ainda estar entre meus papéis. Não processaram, aliás, de outro modo Oswaldo Bilac e Coelho Neto, os quando o viram em artigo de morte ou por ocasião do seu falecimento. Fizeram-no, pelo contrario, em artigos que assinaram.

É preciso ser capaz de grosseria comédia para negar-se que já então, antes da critica oficial sancioná-lo, quem por aquele tempo sabia o que é versatista em alta conta o autor de "Brotados".

Com o correr dos dias, no entanto, Alberto de Oliveira, em tom de pilhéria, começou a progredir nas rodas saulgas uma farsa historica, que dava tom sendo a genese da gloria e celebridade que o nome de Cruz e Sousa vinha alcançando.

Dizia é que a principio, até depois da morte do poeta, Silvio Romero o tinha em conta de burro. Mas que, uma vez, encontrando-me eu com o grande crítico em casa de Melo Moraes Filho, seu grande amigo, casa em que ele estava passando alguns dias, consegui persuadi-lo de que ele incorria em erro. Mas de que modo? Antes de tudo enchendo-o de comemoração por Cruz. Pintando a vida desgraçada do poeta. A miséria partilhada por ele com sua mulher e quatro filhos, toda essa gente sustentada apenas por ganhos ridiculos, numa creção da Estrada de Ferro Central, onde pouca era a consideração tributada ao pobre homem.

Então Silvio ficava comovido, pedira-me que eu lesse os versos de Cruz e Sousa e na proporção que os ia ouvindo arrebatava-se, tocado, no fundo, pela piedade, que lhe obnubilava o espirito por completo.

Mais tarde, Romero — explicando Alberto — escrevendo um ensaio sobre literatura para o "Livro do Centenario", elevava então ao ultimo céu o poeta.

É foi dal — concluiu o malicioso — que veio propriamente a Voz de Cruz e Sousa.

Havia bom tempo que eu ouvia falar em tal "assinatura" contra o autor dos "Ultimos Sonetos", um morto, por parte do nosso magnifico Príncipe de hoje.

Não me incomodei lá para que se diga com essa talice. Eu nunca fiz monopólio da defesa do Poeta Negro. Se me apontam como aquéle que mais tem concorrido para que se lhe faça justiça, é simplesmente porque outros não se têm dispôto ou não têm tido occasião de fazer tanto como eu.

gente de espirito ver que era equivo, não podia deixar de ser. Uma punição de Alberto. Tanto mais indignativa era a coisa quanto, como todos sabem, Alberto para comitar punição não tem graça. Se é de morte a isso, a gente ri no fim por desistência.

Foi o que fiz, eu proprio, quando, um dia, o provoquei a repetir-me o que se annava contanto e lhe ouvi, de seus proprios labios, a andoia incoherente e absurda.

Quem me empresta um cego lamamato por Cruz e Sousa, como sei que me emprestou, não me conhece. A prova está nessa paciencia com que ouvi tal invenção, embora quizesse torná-la categoricamente.

Nunca pensei, portanto, que Alberto fosse capaz de occultar-me a inversa a que emprestava a Silvio Romero, acrescentando realmente no que preparava. Tinha por incompatível o seu alto espirito com essa falta de senso psicologico. Além disso, parecia-me impossivel que ele não visse o grosseiro erro historico em que recandava essas genese inventada por ele.

Não há duvida, após aquecimento de Silvio Romero é que José Verissimo e outros órgãos officiais da nossa critica foram fazendo "amenço honorable" em relação ao valor de Cruz. Mas este já de há muito conquistara o entusiasmo de quasi toda a mocidade brasileira nas letras. Já era imitado bastante. Vinha fazendo o seu caminho, lento, mas com segurança, como acontece com quasi todos os grandes innovadores.

A nobreza com que Silvio deu sua opinião sobre Cruz e contestável e é bela. Mas sem elle, como sem mim, como sem outros, o grande Negro enegaria donde está. O mais tora por o carro adiante dos bôis. Quem faz os poetas não são os criticos: são os poetas que se fazem. Se o critico é injusto, pior para ele, que é quem se diminui.

Sei como os vates são apaixonados, sobretudo julgando outros vates que não são da sua grei. Ainda mais no periodo em que caíam lutando por conquistar o seu lugar ao sol.

Mas Alberto nem sequer no ultimo caso está. Ele hoje é Príncipe. Que mais lhe falta? Cruz e Sousa tem as suas cinzas lá no cemitério de há muito cinzas gloriosas, é certo na propria Academia teve de reconhecer-lo. Os raios, porém, da sua aureola nunca se poderão encontrar ao mez da aureola do inventor desta "biografia" desrespeitosa. Para semelhante, por exemplo, a por em concorrência Edgard Poe com Longfellow.

Confesso, pois, foi com grande estranheza que vi, não há muitos dias, numa entrevista espectacular que o Príncipe concedeu a um seu admirador, truncadamente reproduzida, como contada por Alberto, a falga historica de que venho falando. Lá não se escreve o meu nome. Põe-se em meu lugar o amigo cuja casa Silvio honrava aceitando-lhe a hospedagem. Em meu lugar está, pois, Melo Moraes Filho, que nunca teve ocasião de ser amigo de Cruz e que quase não conhecia sua obra. Houve engano, mas certamente da parte do "reporter" e de modo involuntário. Não acho Alberto capaz de tal cochilo, nem de mistificações desrespeitosa.

Pois que veio à estampa, agora a coisa muda de figura. Representa uma grosseria publicica de Alberto para com a memoria de Cruz e Sousa, não querendo acreditar na minha informação. Da claramente a entender que o Príncipe julga

a nomeada que alcançou o Poeta Negro como consequência artificial de um erro de Silvio Romero, erro cometido por comicidade.

Quem a mereca agora é o nosso Alberto. Assim é da prova de ter caído num estado de infantilidade que faz pena.

De mais a mais, como all se contém as cousas, os tristes 120000 que, segundo Alberto, ganhava Cruz para sustentar a familia, parece que são precisandos com intenção de chacota, o que torna a coisa pior que uma infantilidade. Quando Cruz veio para o Rio, lembra-me bem, Alberto de Oliveira se lembrava mais ou menos com ele na mesma gloriosa pobreza. Mas para que contar-se tal situação com todas as minúcias, embora mesmo sem o implicito desejo que Alberto alimenta hoje pelo valor do poeta de quem a esta hora, na sua vida, só a esta hora publicamente falou?

Direi, por fim, o que a propósito de Cruz e Sousa houve de verdadeiro na primeira vez que sobre ele falei a Silvio Romero. Este não o conhecia e, é certo, pensava mal do seu valor como poeta. Era o resultado da campanha dos inimigos. Proporcionei-lhe, então, a leturas, não só dos livros publicados, como dos inéditos, ainda em minha mão, e foi espontaneamente, entusiasmaticamente que o grande critico se converteu. Noaso primeiro encontro em que de Cruz se falou nestes efretivamente em casa de Melo Moraes. Havia pouco falecera o poeta e naturalmente se reaviram suas infelicidades, sua luta infernal na vida. Mas sem ou dizer por então, verso nenhum e o que havia de verdadeiro em toda essa malevoia e inintelligente poia.

Mas, por hipótese, se com saber alguém infeliz, Silvio logo o elevava ás ultimas alturas, do ponto de vista intelectual, tratando-se de um homem de letras, por que é que em toda a sua vasta obra de critica não se encontra outro caso como este?

Depois, se fora por sentimentalismo que Silvio se rendera, devia no seu juizo critico figurar qualquer conceito que a critica dos outros não sancionasse antes ou depois.

Mas, em essencia, que escreveu o illustre autor de "Historia da Literatura Brasileira"?

Escreveu, recordemos, que "Cruz e Sousa é a muitos respeito o melhor poeta que o Brasil tem produzido". Que "é o nosso simbolista puro, o rei da poesia suggestiva". Que "é o caso unico de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira". Finalmente, "que nele se acha o ponto culminante da lirica brasileira após 400 anos de existencia". Quer dizer com esta ultima afirmacão que em cronologia literaria é o derradeiro dos nossos valores mais altos, no verso, até o fim do século XIX.

Ora, antes dele eu e varios outros, e depois dele toda a jovem critica atual mais eminente, acaso, mais ou menos, não o confirma?

Silvio, nesse ensaio, gentilmente confessa que a mim devo ler até os manuscritos do morto e assim estar habilitado a emitir um juizo completo do seu valor.

É ele, pois, o primeiro a confirmar a veracão que si deixo, unica possível diante da obra inteira de Silvio Romero e diante da obra completa de Cruz e Sousa.

como um Antero do Quental brasileiro". Que "por um momento pareceu que Cruz e Sousa estava destinado a ser, no Brasil, uma religião literaria". E julga Alberto de Oliveira que esse momento já passou?

A obra de Cruz e Sousa — basta isto, não é a dos parnasianos — entronca com a poesia atual no Occidente. E é mais "futurista", no alto sentido da palavra, do que muitos dos futuristas de hoje. E o que acontece com Edgard Poe, com Whitman, nos Estados Unidos, com Baudelaire, com Verlaine, com Mallarmé, na poesia franceza. Porque, como estes, disse-o muito bem o Sr. João Pinto da Silva, falando de Baudelaire, ele, com seu subjetivismo emocional, reintegrou a poesia, definitivamente, nos seus legitimos dominios". O alcance da obra de Cruz e Sousa, no Brasil, está nesse golpe de gênio. Todo o movimento poetico vanguardista atual tende para essa libertação, cada vez maior, da poesia, tirando-lhe toda a ganga de literatura possível.

Se Alberto quer um argumento prosaico, estatístico para que se lhe demonstre que Cruz continua a ser muito lido, basta dizer-lhe que não, sobretudo, o seu volume de versos em que se condensaram todos os volumes antes autónomos, é muito mais vendido que a ultima edição de Raimundo, Corrêa, na empresa que os republicou por ultimo.

Podê Silvio Mural fazer outro argumento, quando melhorar de saúde, como aquéle em que pretendeu demonstrar que Cruz e Sousa não é superior em astro poetico ao nosso caro Felix Pacheco.

Podê Alberto querer até recorrer-se do proprio Poeta Negro para estranhar a sua gloria, dizendo que este, sendo "verdadeiramente um homem humilde" (Cruz e Sousa!) muito surpreendido ficaria, se se pudessem ver discutido com um semideus literario?

A obra de Cruz ainda está palpitante e vivida. Está e estará, contra a vontade que seja de todos os Príncipes, que com isso apenas se artescam a parecer antes príncipes!

Nestor Vitor.

Rio, 3 de abril, 1926.

A esse artigo de Nestor Vitor, responde Alberto de Oliveira com a seguinte carta:

"Em seu livro "Páginas de critica" (1926, pag. 8), escreve Medeiros e Albuquerque: "Silvio Romero tinha uma illustração filosofica e científica infinitamente superior à de José Verissimo. Era, porém, um deplorável julgador de méritos individuais. Decidia-se pela amizade, pela affeição.

Conta-se que, algum tempo, ele considerou Cruz e Sousa o que de fato esse poeta era: um metrificador sonoro e óco, quase absolutamente destituído de idéas. Silvio dizia-o francamente. Mas, um dia alguém lhe contou a vida de Cruz e Sousa, sobre e excelsa rapaz, tuberculoso, pai de familia numerosa, lutando com dificuldades, simples, modesto, sofrendo com o preconceito de cor, que pesava sobre ele.

Ora, m tudo isto havia motivos para se estimar pessoalmente o poeta; mas, não para declarar que os seus versos mereciam louvores. Silvio, apiedado, foi tão longe na transformação de suas idéas, que acabou por datar de Cruz e Sousa uma época na história de nossa literatura".

Este mesmo conceito, mais alongadamente e com pormenores, sobre Silvio Romero ou sobre até onde o levava, seu coração, ouvi-o eu a Melo Moraes Filho; Medeiros ouvi-o por sua

vez ou diretamente ao mesmo velho cronista, de quem, como eu, era amigo, ou a mim, que talvez lho communicasse, como o communicou allha há pouco ao jornalista Gonçalo Jorge, em entrevista, de que deu noticia o "Jornal do Brasil".

Pois, assim, restabelecida a verdade quanto a procedência do que maliciosamente o Sr. Nestor Vitor insinuou dever cair sobre mim, eu quanto a autoria deste passo, ou, como elle lhe chama, desta pituhia sobre o "poeta negro". — Alberto de Oliveira".

Em data de 25 de abril de 1927, Nestor Vitor voltou a tratar de Cruz e Sousa, a propósito das palavras de Alberto de Oliveira. Publicou, então, no "O Globo", o seguinte artigo:

"Não foi 'maliciosamente' como quer o Sr. Alberto de Oliveira, que julguel dever attribuir-lhe a autoria da historia sobre Cruz e Sousa e Silvio Romero contada na sua espectacular entrevista.

Eu não li o livro de Medeiros e Albuquerque onde ella já vem contada. Em todo caso, quem forneceu a fábula a Medeiros? Foi provavelmente o proprio Sr. Alberto, como este é o primeiro a admitir.

Quanto a Melo Moraes, sempre me pareceu que o caso tivesse nascido de uma conversa do poeta com aquéle nosso camarada comum, Julguel, porém, que os Príncipe não aproovesse abroquelar-se a uma sombra, embora muito respeitavel como é a do cantor do "O bein-feit", falecido.

Além disso, quis evitar que sobre este pudesse acaçar, respingando algo de menos reverente no correr da discussão.

Mas, de qualquer modo, não vejo em que possa aproveitar ao Sr. Alberto de Oliveira a distribuição das responsabilidades que ele ora promove. Não seria mais príncipeco, mais gentil, deixar-se ficar só?

Melo Moraes Filho foi um poeta romântico de mazelamento, mas havia muito que se fizera um simples cronista de cousas antigas. Não chegou a ter qualquer teor com os parnasianos, quanto mais com os simbolistas. Parece que nunca vira, sequer, Cruz e Sousa, e nem nunca se deu ao trabalho de apurar-lhe o valor. No caso o que lhe importava era elevar as nuvens o seu querido Silvio Romero, sem ver que desta vez só podia assim prejudicar-lhe os créditos de critico. E o que, pelo menos, se pode presumir.

Quanto a Medeiros e Albuquerque, não há quem ignore como é paradoxal e cheio de singularidade em seus gostos, o nosso tremvel cronista. Ele sempre teve sobre Cruz e Sousa o juizo que repete no trecho citado pelo Sr. Alberto. Acha-o quase que absolutamente sem idéas, por conseguinte óco. O que não admira, quando, por realceza pênias que em arte a exemplo, sobre Rodin, um dos Francez já deu ao mundo, suas opinioes estão mais ou menos de accordo com as do postivista Sr. Edouard Sâ. Mas, ainda assim, Medeiros nunca vez contou nos os livros de Cruz e Sousa em que os andam à sua cabeceira, pela extraordinária multiplicidade, própria daqueles versos, que lhe fazia bem antes de dormir. Para ver-se que peso têm em critica literaria as opinioes de Medeiros, basta saber que ele nunca irredicção afirmou-se ter Cruz e Sousa aberto uma nova época na história da nossa literatura. Pois o simbolismo não criou a corrente a que se prende tudo o que de verdadeiramente significativo se tem feito depois em nossa poesia? E se não é Cruz o maior

(Continua na pag. 157)

Evocação

Luis Affonso Sarmiento

Trago meus sonhos,
Únicos sonhos meus,
Como se fossem flores.
Dobra longe um sino,
Crepiscularmente.

E' o dia dos mortos.
E o que te ofereço?
Sonhos, como se fossem flores,
Que caem desfeitos
Quando abro as mãos

Sonhos tão pobres,
Que nada restará deles
Em tua sepultura.
Nem minha memória,
Que os sonhei um dia, uma vez, uma vida inteira.

Dobra longe um sino,
Compassadamente.
Trago sonhos, apenas sonhos.
Perdoa se não envolvo em flores
Teu nome no mármore.

A brisa da noite já sopra.
Estas horas pálidas
São a solidão.
Descanso a cabeça em teu túmulo,
E choro.

Tanto tempo é morte!
Nem sei...
E é tão tarde agora,
Mesmo para sentir, sentir,
Ou murmurar uma saudade!...

Dobra longe um sino,
Veladamente.
Deixo-te os sonhos,
Como se fossem flores,
Perdoa se poucos são e sem beleza.

Meus amor... meu amor
Que fizeste dos meus sonhos?!

Soneto

Bodas de prata, amigo, dir-se-ia
Que foi ontem. Como éramos galantes:
Tu — com os teus modos leves, elegantes,
Eu — leve como o veu que me envolvia,

E unimo-nos, assim, em alguns instantes.
Depois, enquanto cêlere corria
O tempo, nossas almas, dia a dia,
Tornavam-se mais ternas, mais amantes.

Hoje, que sei que pelo azul profundo
Não existe céu feliz como este mundo,
Onde palpita a luz dos olhos teus,

Hoje um pavor inunda os olhos meus:
Deixar-te aqui num rápido segundo,
Sem abraçar-te, sem dizer-te adeus.

Débora Leão

Brisa Marinha

(Stihéfane MALLARMÉ)

A carne é triste, e eu li todos os livros, todos.
Fugir! além! Eu sei que há pássaros já doudos
Par se ver entre os céus e a espuma do alto mar!
Nada, nem os jardins retetidos no olhar,
Retem meu coração que já no mar se aninha,
Nem, ó noites, a luz da lâmpada sózinha
Sobre o papel vazio,, intangível de brilho,
E nem a mulher moça amamentando o filho.
Ergue a âncora para regiões extravagantes!
Hei de partir! Vapor de mastros oscilantes,
Um tédio desolado, entre anseios intensos,
Ainda acredita no supremo adeus dos lençóis!
E esses mastros, talvez, cheios de maus presságios,
São dos que um vento faz vergar sobre os naufrágios
Sem ilhas férteis e sem mastros de veleiros...
Mas, ó minha alma, ouve a canção dos marinheiros!

(Tradução de Guilherme de Almeida)

A morte de uma Criança

Ronsard

Qual em maio se vê no galho seu a rosa
A beleza expandindo e a mocidade em flor,
Tornar cioso o céu de tão viçosa cor,
Quando rega-la vem a manhã lacrimosa:

Vive a graça em sua fôlha e nela o amor repousa,
Impregnando o jardim e as árvores de odor;
Mas, batida da chuva ou de excecivo arder,
Fôlha a fôlha languece e cai morta a formosa.

Tal no frescor também da juvenildade,
Quando honravam a terra e o céu tua beldade,
Ceifou-te a cruel Parca e cinza ora repousas.

Por funerais meu pranto acolhe e minhas dores,
Um fúncaro de leite, um cestinho de flores,
Para que viva e moria apenas sejas rosas.

(Tradução de Eugénio Vilhena de Moraes. — Natal,
abril de 1948).

Intermezzo

(Henri Heine)

O mar tem suas pérolas, em calma
Tem o céu mil estrelas, minha flor;
Mas minha alma, minha alma, esta minha alma
Tem teu amor!

Grande é o mar, grande o céu, porém maior
E' o meu coração, lírio singelo,
Mais que os astros, que as pérolas mais belo,
Brilha este amor!

E' teu! é teu! é teu todo o meu peito,
Todo o meu peito que se mescla, flor,
Ao grande mar, ao grande céu, desfeito
Num só amor!

O Cisne

(Sully Prudhomme)

Calmo, do espelho azul d'água profunda e calma
A face errando, os pés, lânguido, o cisne espalma
E desliza. Da neve os raros flocos brancos
Lembra o fino flouzel que lhe amacia os flancos;
Linha vela parece a asa que encurva e brande,
Esbelto, e ora retrai, ora sacode e expande;
Entre as ninfas indo, o alvo pescoço apruma,
Colhe-o após, some-o n'água, estende-o sobre a espuma,
Curva-o mole e gracioso, e âncora antiga limita.
Dos pinheiros ao longo, onde o silêncio habita
E a paz e a sombra, vai; rastejando na esteira,
Que atrás fica, semelha intensa cabeleira
A basta ervagem fresca a palpitar. A gruta,
Que a alma atrai do poeta e a voz da tarde escuta,
Frax-lhe e a fonte que além flue, regorgita e bolha.
Vendo-as, lento se arrasta. As vezes uma folha
Leve cai do salgueiro e, em sua queda, leve,
Roca-lhe, muda sombra, as plumas cor de neve.
Caminha agora ao largo; o implexo da ramagem
Deixa e a parte procura onde o esplendor seivagem
Diz melhor com o brilhar d'água anilada e pura.
Do lado é a parte mais azul que êle procura;
E lá vai... a cisnar sobre as ondas serenas,
Entrega à luz do sol a brancura das penas.
Depois, quando, em redor, se confundem, calindo
A noite, do amplo lago as margens, e no infinito
Horizonte há somente um ponto avermelhado;
Quando tudo quedou quando no ilimitado
Do céu paira da lua o globo enorme e albeante;
Quando acende o lampiro a luz fosforescente;
E nem o menor sopro o debil juncos embaia:
O cisne, sob o olhar dessa noite de opala,
Em seu lago sombrio, enfim, descansa; e, acaso
Visto de alguém, assim, lembra de prata um vaso...
Põe sob a asa a cabeça, os olhos sonolentos
Fecha, e dorme, feliz, entre dois firmamentos.

(Tradução de Alberto de Oliveira)

Duas traduções do "Recife de Coral" de Heredia

I

Dentro do mar o sol, misteriosa aurora,
A floresta abissal dos corais alumina,
Onde, na profundeza da tépida bacia,
Junto ao animal se expande a vicejante flora.

E tudo que de sal ou tódo se colora,
O musgo, o actínoo, o ouriço, a alga peluda e fria,
Em compasso desenha a púrpura sombria,
Da madrepora crespa o alco fundo decora.

Extinguindo o fulgor do esmalte das escamas,
Um grande peixe vai navegando indolente,
Na transiçãda sombra a rondar entre as ramas.

Mas, em brusca impulsão que a barbatana escalda,
Faz correr no cristal fúoco, azul e dormente,
Uma centelha de ouro e nacar e esmeralda.

OTÁVIO RIBEIRO NA CUNHA

29-8-49. (Do livro inédito "Crepúsculo de estrelas")

II

O Banco de Coral

(Heredia)

Sob as ondas o sol, maravilhosa aurora,
Das espécies do abismo a floresta ilumina,
A vida a conjugar, na vasa submarina,
Da fauna que floresce à moedeja flora.

E tudo quanto o sal e quanto o tódo cora,
Alga, anémone, ouriço, em tinta purpurina
Com desenhos sutis, na tela cristalina,
A madrepora, ao fundo, exótica, decora.

Das escamas o esmalte esplêndido apagando,
Um grande peixe passa entre os corais rondando,
E uma estera na sombra, invisível desfilado.

Mas súbito estremece e reacendendo o brilho
Da barbatana ardente, um dourado rastilho
Nas águas faz correr, de pérola e esmeralda.

CARLOS SA

("Passagens" — 1944).

Uma carta de Ruy Barbosa a Joaquim Nabuco

22 Jul. 66

Meu caro Nabuco

Só agora (por negligência de um criado) me foi entregue a sua preciosa carta de ontem, que muito lhe agradeço. Sei que o tempo lhe não deve chegar para nada, e entre velhos companheiros não se medem cerimônias. Quando quer que venha, pois, a sua visita, abra muito bem vinda, Terzi, muito gozo em me antecipar a ela, se souber de alguma ocasião, em que o possa apunhar em casa. Porque, de mais a mais, V. é o credor, por gentileza, a que eu cometi a falta de não corresponder.

Não seria, com efeito, sem analogias na história dos parlamentos a sua lembrança de uma manifestação ao Secretário de Estado americano pelas câmaras do Congresso. Mas não que não convenço, é no papel, que V. me desigua, de orador nessa grande assembléa. Assim venho; dou-te, e, conquanto ainda se me não apagasse de todo "o fogo sagrado", isto é, o entusiasmo e a esperança, já não assumo iniciativas nem me exponho a temeridades. Os anos e o atrio nas coisas hostis, cujo quinhão me tem sido acerbico e cotidiano, desinvoicaram em mim uma desconfiança, que não consigo vencer, senão quando algum dever irresistível me impõe obediência cega. Foi principalmente por isso (aqui em segredo lho confesso) que me excusai da Conferência pan-americana. Nesta disposição de espirito, a homenagem por V. imaginada aos Estados Unidos na pessoa do sr. Root seria uma cena grande em demasia para a minha timidez. Ninguém terá por aqueles pais maiores simpatias que eu. Comecei a conhecê-lo e a querê-lo, quando eu e V. eramos estudantes, na época da guerra separatista, pelos livros de meu pai, que sortia tódas as obras sobre a grande nação e a sua luta. De modo que a minha admiração da maravilhosa República norte-americana precedeu a minha admiração para com a minha admiração para com a Inglaterra, na qual depois se absorveram as minhas tendências e os meus estudos.

Com a nossa revolução de 89 elles voltaram aos Estados Unidos. Já vê que o aplaudo na sua catapanna pela conquista dessa amizade. Mas a palavra de porta-voz do Congresso, que V. me quer dar, a outrem deve caber. Sinceramente, não me sinto com a coragem para tao amplo teatro.

Quanto ao seu discurso, um só pensar tenho: o de o não ter ouvido. Ainda bem que, afinal, o temos, declaradamente, entre nós, onde a sua ausência era uma sensível lacuna. Desde 1893 pregava eu no Jornal do Brasil, sob o título de Apelo aos Conservadores, a incorporação republicana dos grandes espiritos da monarchia. A V. mais que a ninguém o amor próprio poderia embaraçar a mudança. Mas a sua superioridade e o seu patriotismo lhe sobrepujaram. Muito bem. Ninguém o terá recebido com mais satisfação que o seu velho amigo e fiel admirador.

Ruy Barbosa

(Do arquivo da Casa Rui Barbosa).

Documentário Casimiro de Abreu

Cartas de Horácio José Marques de Abreu a Nilo Bruzzi
Na carta de Horácio José Marques de Abreu enviada a Nilo Bruzzi em data de 8 de junho corrente, e que antecipamos no documentário *Casimiro de Abreu*, número de agosto do ano corrente (vol. X, pag. 131, segunda coluna), há uma emenda a fazer. É no que se refere à informação relativa à Maria Amélia, sobrinha do poeta das primaveras. Diz o texto da carta de Horácio José: "Maria Amélia, esta nunca saiu de Portugal, lá casou-se já velha com um labrego, na expressão do meu tio Juca..." etc.

Fica, pois, feita a correção daquele documento que saiu levemente errado.

Vitória, 16 de maio de 1949.
Prezado amigo Nilo Bruzzi.
Cordiais saudações.

Dou em meu poder sua carta de 14 de abril, que procurei responder, "se a tanto me ajudar o engenho e arte", carta essa que muito me desvaneceu. Quanto à primeira pergunta: Sei que Casimiro tinha uma grande máguia por ser filho espúrio, e talvez, por ser Luiza Joaquina das Neves Analfabeta, e seu pai sempre atarefado nos negócios não lhe poder atender para o seu estro de poeta nato, que ele foi. Meu pai, coitado, sendo um dos últimos Marqueses de Abreu, com pouca instrução, nunca trocou comigo idéias a esse respeito, tudo que ouvi foi do meu tio José Joaquim, uma noite, quando ele se referia ao fatalismo que perseguia os Marqueses de Abreu.

Quanto às cartas a que me referi na minha missiva, são todas as quatro dirigidas do Rio ao seu pai em Indaia-açu. Recordo-me bem, que elas ainda tinham pregados os selos "Olho de cabra" e, que todas terminavam com o mesmo esdrúxulo afetoso "beija-lhe a mão o seu filho amante Casimiro José Marques de Abreu", singularidade essa que me chamou a atenção, a assinatura por extenso, pois, sei que em outras cartas a amigos ele apenas assinava Casimiro. Quanto à fotografia, não retrato, que o segundo Casimiro possuía, tratava-se de um moço imberbe, cabelos repartidos do lado esquerdo. Quanto ao seu retrato que corre mundo, eu só o posso atribuir a aquele aspecto de um homem já maduro, ao pintor que dele se encarregou, pois em se tratando de poeta, não, não terá dúvida, cabelos para trás, pois todo poeta que se preza usa cabeleira abundante, pentada para trás. O nosso Casimiro morreu tuberculoso, portanto aquela fisionomia de quem está morrendo em pé. Quanto ao seu estrabismo nada vos posso informar. Sei que seu aspecto físico era bem brasileiro, atarracado, moreno; também desconheço se tinha o rosto picado de varíola. Quanto ao ponto dele desançar o pai nas cartas nos amigos não se precisa. É muito longa, pois que ele estimulou o velho José Joaquim com aquele dardo contundente que intitulou "Dores". Será que o Casimiro possuía uma dupla personalidade? Para a sua mãe, nas suas poesias, era todo coração, vejamos "Minha mãe".

Os manos de meu pai, em ordem decrescente foram os seguintes: José Joaquim, Júlio Francisco, Casimiro, Meu Pai, Horácio, Carlos e Maria Amélia. José Joaquim, Francisco, Carlos, faleceram em Portugal; Horácio, foi assassinado por

Encontra-se hoje à frente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo um homem de real dinamismo, o Sr. José de Barros Martins. Como editor, firmara ele grande crédito entre todos os que no Brasil amam os assuntos de cultura, mediante a publicação que triunfantemente empreendeu de importantes obras da nossa literatura, sendo que muitas de suas edições, ilustradas por eminentes artistas, ficaram desde logo incorporadas ao melhor do nosso patrimônio mental.

A frente do Departamento de Cultura, te mo Cr. José de Barros Martins obtido para os seus trabalhos apoio de figuras as mais ilustres das letras e da arte nacional. Basta referir alguns dos nomes que, seja em conferências, seja em concertos tem dado sua elaboração ao grande Estado. Saiba-se, pois que, por iniciativa do seu Departamento de Cultura, S. Paulo esteve em contacto, no mês de Maio, com Camargo Guarnieri, Antônio Romeu, Marília Franco, José Lins do Régio, Erice Veríssimo, Antônio Soares Amora

ra, Edgard Cavalheiro, Carlos Burlamaqui Kopke, Paulo Mendes de Almeida, Mário da Silva Brito, Gustavo A. Stern, Fritz Janká no mês de Junho com Camargo Guarnieri, Antônio Romeu, Marília Franco, Nelson Werneck Sodré, Cavaldo de Andrade, A. F. Schmidt, Italo Lero, Armando Belatti, Carlos B. Koep, Paulo M. de Almeida, Mário da Silva Brito, Gustavo A. Stern, Fritz Janká, no mês de Julho com Camargo Guarnieri, Antônio Romeu, A. F. Schmidt, Gustavo A. Stern, Fritz Janká, no mês de Julho com Camargo Guarnieri, Antônio Romeu, Marília Franco, Manuel Bandeira, Alfredo Vidal, Eduardo de Guarnieri, Francisco Mignone, Heitor Villa-Lobos; no mês de Agosto com Harry Jolles, Ernesto Mehllich, Fritz Janká, Nancy Lousan Miranda, Camargo Guarnieri, Maria de Lourdes Lopes Cruz, Zilda Medice Hamburger.

É, uma relação de nomes de grande significação, não ao primeiro fato de incluir nomes nacionais da maior expressão, com também pelo número, pois representa um trabalho mensal verdadeiramente grandioso. Ve-

ja-se, por exemplo, a quantidade de concertos, aulas e conferências que a municipalidade de São Paulo ofereceu ao povo somente no mês de maio. No mês seguinte novos nomes vieram como os de Nelson Werneck Sodré, Augusto Frederico Schmidt, Italo Lero, etc.; no de julho e agosto, outros vieram aumentar o valor daquela relação, como os intelectuais Molés Velinho, Luiz Viana Filho e Manuel Bandeira.

Uma enorme atividade do departamento municipal de cultura, e o fato de que aquelas figuras ilustres da nossa intelectualidade se terem feito ouvir na capital paulista, fosse na palavra falada, fosse na música, bastam para demonstrar-nos, o quanto é importante a vida das idéias na grande cidade, que João Ribeiro considerava a outra capital do Brasil.

Uma vez que estamos pon-

do autor deverá ser colocada em envelope à parte contendo os seguintes elementos: o título da obra, o pseudônimo, o nome do autor e o seu endereço.

8 — Para os prêmios "Adhemar de Barros de Poesia" e "Adhemar de Barros de Teatro" os originais deverão compreender pelo menos 80 páginas datilografadas, espaço duplo, formato ofício; para o "Prêmio Adhemar de Barros de Ensaio Literário" os originais deverão ter pelo menos 120 páginas datilografadas, espaço duplo, formato ofício.

9 — O concurso será julgado por uma comissão de três membros escolhido pelo Diretor do Departamento Municipal de Cultura e presidida pelo mesmo, que não terá direito a voto sendo que os membros da comissão não poderão concorrer ao prêmio.

10 — A comissão elegerá um relator, dentre os seus membros, para dar parecer justificativo de sua decisão, parecer esse que será publicado na imprensa e nas edições das obras premiadas e editadas pelo Departamento Municipal de Cultura.

11 — O trabalho dos membros da comissão julgadora será remunerado, nada percebendo, entretanto, o seu presidente.

12 — A comissão decidirá por maioria de votos, devendo a sua decisão tomada em caráter irrevogável, ser dada até 30 de junho de 1950.

13 — Os originais apresentados ao concurso não serão devolvidos aos concorrentes.

do autor deverá ser colocada em envelope à parte contendo os seguintes elementos: o título da obra, o pseudônimo, o nome do autor e o seu endereço.

8 — Para os prêmios "Adhemar de Barros de Poesia" e "Adhemar de Barros de Teatro" os originais deverão compreender pelo menos 80 páginas datilografadas, espaço duplo, formato ofício; para o "Prêmio Adhemar de Barros de Ensaio Literário" os originais deverão ter pelo menos 120 páginas datilografadas, espaço duplo, formato ofício.

9 — O concurso será julgado por uma comissão de três membros escolhido pelo Diretor do Departamento Municipal de Cultura e presidida pelo mesmo, que não terá direito a voto sendo que os membros da comissão não poderão concorrer ao prêmio.

10 — A comissão elegerá um relator, dentre os seus membros, para dar parecer justificativo de sua decisão, parecer esse que será publicado na imprensa e nas edições das obras premiadas e editadas pelo Departamento Municipal de Cultura.

11 — O trabalho dos membros da comissão julgadora será remunerado, nada percebendo, entretanto, o seu presidente.

12 — A comissão decidirá por maioria de votos, devendo a sua decisão tomada em caráter irrevogável, ser dada até 30 de junho de 1950.

13 — Os originais apresentados ao concurso não serão devolvidos aos concorrentes.

REGULAMENTO DOS PREMIO ADHEMAR DE BARROS DE POESIA; PREMIO ADHEMAR DE BARROS DE ENSAIO LITERARIO; PREMIO ADHEMAR DE BARROS DE TEATRO.

1 — Ficam abertas a partir desta data as inscrições para os seguintes concursos promovidos pelo Departamento Municipal de Cultura e patrocinados pelo Sr. Governador Adhemar de Barros

- Prêmio Adhemar de Barros de Poesia;
- Prêmio Adhemar de Barros de Ensaio Literário;
- Prêmio Adhemar de Barros de Teatro.

2 — Poderão concorrer autores nacionais ou estrangeiros desde que os originais sejam escritos em português.

3 — O Sr. Governador Adhemar de Barros em benefício de cada um dos três concursos. Estes prêmios são indivisíveis e instituídos pelo Sr. Governador Adhemar de Barros em benefício de cada um dos primeiros colocados.

4 — O Departamento Municipal de Cultura promoverá a edição de cada obra premiada num total de 1.500 exemplares, sendo que ao autor se oferecerão 300 exemplares.

5 — O Departamento Municipal de Cultura fará edições de 1.000 exemplares das obras que, a juízo da comissão julgadora, poderão merecer os 2.º, 3.º e 4.º lugares, recebendo os seus respectivos autores 500 exemplares.

6 — O prazo para a entrega dos originais vencer-se-á a 31 de março de 1950.

7 — Os concorrentes remeterão os seus originais ao Departamento Municipal de Cultura, sob pseudônimo; a identificação

equivoco em São Tiago, Minas Gerais, em 1899. Quanto a Albina, desconheço se se casou, tudo que sei é que residia aqui em Cachoeiro, onde manteve um colégio.

Desde já tomo a liberdade de me inscrever no rol dos candidatos à sua obra, logo que ela seja dada ao lume, pelo que eu antepedidamente agradeço, subscrevendo-me cordialmente.

(as.) Horácio

Vitória, 27 de maio de 1949.
Prezado amigo Nilo Bruzzi.
Cordiais saudações.

Pelo ordem de idade vou dar os nomes dos filhos de Maria Joaquina:

José Joaquim (Juca), Júlio Francisco, Casimiro, Luiz Felipe (meu pai), Horácio, Carlos e Maria Amélia, todos já falecidos, fazendo eu resgato quanto à minha tia Maria Amélia, pois desde que meu

pai morreu nunca mais tive-me notícias dela.

2.º Meu pai faleceu em Vila Velha, aonde se encontrava a conselho médico, em 22 de outubro de 1937.

3.º Não compreendo bem o que o amigo pergunta: "Quantos filhos deixou além dele e de Casimiro?" Se aquele "ele" se refere a mim, informo: Nossa irmãdada se compunha de 6 irmãos, dos quais um faleceu em 6 de março de 1923, o Luiz Felipe, os outros são os seguintes: Horácio (Ego), Maria Luiza, Casimiro, Judith e Carlos Alberto. Agora deixo solicitar-lhe pelas suas qualidades de Sherlock pois que com tão escassos informes que prestei consegui logo identificar Luiz Maria Pipa de Menquita, com aquela abundância de detalhes que enriquece a sua obra "Casimiro de Abreu", assim sendo espero que muito

breve tenha em mãos a fotografia e não retrato do Casimiro. Parece-me que a estou vendo — um adolescente, imberbe ainda, cabelo repartido do lado esquerdo, a qual diferença totalmente desse avião, cujo retrato corre mundo e que, aparece na minha edição da Guarnieri, que a possuo desde 1926. Tenho lembrança de ter lido uma das 4 cartas a que me venho referindo numa revista qualquer, que deve ter sido a "Revista da Semana", a qual naturalmente foi divulgada pelo professor Escrivagnole Doria. Pois bem amigo Nilo, confiante no seu interesse de procurar obra limpa, faço votos para as tenha em mãos no mais curto espaço de tempo. Renovo o pedido de, tão logo seja publicado o seu erudito trabalho, enviar-me dois exemplares, com dedicatória, já se vê, um para mim, o outro para a nossa biblioteca estadual.

Sem mais firma-se, afetivamente, o patrio admirador.
(as.) Horácio José Marques de Abreu.

(Veja *Autores e Livros*, vol. X, pags. 102, 103, 104, 105, 113, 118, 119, 131).

Ruy e a Bahia

(Continuação da pág. 148)

diração de que ele era alvo no grande Estado?

Justo é, pois, que se dê agora esse consórcio supremo — o dos rostos do grande homem com a terra em que ele nasceu, que é tão amou, que de tanta maneira demonstrou admirar-lo e prezá-lo. Justo é que Rui regressasse à Bahia, para lá dormir ali os seus dias eternos, os dias de uma alta e pura glória, que ninguém mais cusará disputar-lhe.

AMADEU AMARAL

Discursos na inauguração do seu monumento em Capivari

No domingo, 23 de corrente, foi inaugurada em Capivari, cidade do interior paulista, a herma de Amadeu Amaral, notável trabalho do escultor — Brecharet.

Nas festividades fizeram-se representar o Governador Ademar de Barros, pelo professor Lúcio Prestes, secretário da Fazenda; o Sr. Dr. Luiz Gonzaga Novelli Júnior, Vice-Governador do Estado, pelo Dr. Arruda Viana; o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Dr. Teodomiro Dias, pelo desembargador Alcides de Almeida Ferrari, a Assembleia Legislativa do Estado pelos Deputados Rubens do Amaral, Antônio de Paula Leite Neto e Martinho de Clero; a Academia Brasileira de Letras, pelo acadêmico Múcio Leão; a Academia Paulista de Letras, pelos acadêmicos Altino Arantes, seu Presidente, e René Thiollier, secretário perpétuo.

DISCURSO DE ALTINO ARANTES

Representante da Academia Paulista de Letras, falou o Presidente Altino Arantes, que pronunciou o seguinte discurso: — Representante da Academia Paulista de Letras, onde por um desses caprichos da Fortuna que exorbitam de todas as previsões e superam todas as ambições, ocupo a cadeira que Amadeu Amaral fundou e imortalizou: — aqui estou para manifestar o aplauso e a solidariedade com que ela vem associar-se às homenagens que o Insigne capivariano está recebendo hoje dos seus contemporâneos e dos seus admiradores.

Esta linda cidade e a sua culta população querem resgatar, nesta maneira, a imensa dívida de gratidão, de que lhes é credor o vate admirável que, pela sua obra, comunicou muito de seu renome e de sua glória ao torrão que lhe foi berço e ao qual reservou sempre carinhosa dilação de espírito.

Porque Capivari foi para Amadeu Amaral o recanto "remoto e sossegado, aonde o tumulto do mundo lhe arrojava — últimas e trêmulas rugas de ondas que morrem nos pés de uma criança na praia — algumas folhas do Rio e de São Paulo": mas foi também, e principalmente, como Saint-Odile para Hipólito Taine, ou como Sion-Vaudemont para Maurício Barrés, "a mansão deliciosa de solidão, do silêncio e de espaço", "a colina inspirada", onde a sua inteligência se expandiu no estudo e na meditação e onde o seu estro se aprimorou no sentimento da Arte e da Beleza.

A expressiva herma, que Capivari inaugura neste momento e neste local, para memória e consagração do seu precioso filho, ficará como testemunho vivo e eloquente a recordar, às gerações provindouras, na perenidade do bronze em que foi vasada, a inteligência e a bondade, a energia e o caráter, a atividade e o esplendor desse Homem de escol que, no livro, na tribuna e na imprensa, traçou páginas luminosas de literatura, de moral e de patriotismo.

E' que, em verdade, Amadeu não foi somente o poeta encantador de "Urzes", de "Nevoa", de "Espumas" e de "Lâmpada Antiga", não foi somente o escritor aplaudido de "Elogio da Mediocridade", de "Memorial de um passageiro de bonde", de "Páginas Floridas", não foi somente o orador magnífico de "Cuidar das Crianças" e das conferências

sobre Dante e sobre Camões; não foi somente o pesquisador arguto e paciente do Folclore e do Dialeto Capira. Ele foi também — e direi mesmo, é ele sobretudo — o cidadão e o patriota esclarecido que, em meio às preocupações abstratas, ventosas de uma existência laboriosa, jamais descurou os problemas superiores de sua terra e de sua gente.

Animava-lhe o coração aquele incoercível amor à glória natal, que Henrique Lavedan considerava como "a escola primária do patriotismo" e que o Altíssimo Poeta já havia equiparado à mais fulgida e à mais operosa das virtudes "la carità del natio loco".

Porque queria o Brasil forte e grande, prestigioso e próspero, Amadeu Amaral tinha as suas vistas constantemente voltadas para as próprias fontes da nacionalidade; para as infâncias e para a juventude, para o amparo de uma e para a educação de outra.

Destacava-se entre os seus trabalhos esta página vibrante de apostular eloquência, tão percutiente e tão vivida, que parece ter sido composta adrede para os tempos desordenados e tormentosos que vão decorrendo:

"Consoante um dito de Spenser, não é decente que, numa sociedade onde se gastam fortunas para introduzir melhoramentos em raças pecuárias, nada se faça, nada se tente, nada se deseje, ao menos, fazer deversas, em prol do melhoramento do homem. Menos decente, porém, é ainda que, numa sociedade onde se esgotam rios de dinheiro em mil coisas inúteis e mil delícias nocivas, haja seres humanos, sem culpa de terem sido chamados à vida, que se tornam mofinos e tristes e têm todas as possibilidades felizes do seu futuro comprometidas, não raro irremediavelmente, apenas por falta de uma alimentação regular e sã e por falta de alguns cuidados higiénicos elementares.

Aqui já não há dificuldades a resolver, não há complexidades a deslindar, não há oposição a combater, não há senão unicamente, com toda a sua esbagueada insolência, o egoísmo cego e surdo do sofrimento alheio.

Fundem-se em ignobéis ilicenciadas carnavalescas, todos os anos, para infligir a nossos filhos uma lição colossal de insensatez, de imoralidade e de mau gosto, fortunas que darão para se fundar e custear, em cada uma das nossas capitais, um estabelecimento grandioso e modular de puericultura integral com edifícios próprios, com jardins, com campos, com terrenos, com laboratórios, com creches, com escolas, com bathlões de médicos, de enfermeiros, de mestres e de empregados".

E' noutro tema de profunda clarividência, acrescentava: "As vantagens do alfabeto disseminado consistem principalmente em pôr-se a população nativa, se não em pé de igualdade com o que vem de fóra, ao menos em condições que não sejam, como até aqui, de absoluta inferioridade. Trata-se de não permitir que a nossa gente continue a ser submergida e esmagada pelas ondas de povos mais fortes, mais enérgicos, mais afiados para a luta, cheios de justas ambições de bem estar e de justificáveis ideais que lhes são próprios, a desaguar em várias praças do território nacional. A unidade e a coesão

brasileiras dependem das forças latentes na massa do anaga população indígena, e essas forças nunca poderão desenvolver-se convenientemente sobre o regime de obscurantismo em que ela tem vivido. A luta contra o analfabetismo e, pois, antes de tudo e sobretudo, uma questão de urgente interesse nacional. E, sendo acima de tudo uma questão de interesse nacional, este é que deve predominar em todas as soluções que se proponham; e assim todas as soluções razoáveis não de receber dele, e não de outra parte, as determinantes específicas de sua oportunidade, extensão, forma e maneiras".

Não fóra, ademais, a participação entusiástica e eficiente que teve Amadeu Amaral na fundação e nas atividades da Liga Nacionalista e da Liga de Defesa Nacional, e bastariam esses textos candentes para demonstrar o interesse, o empenho que lhe merecia a tarefa, entre todas relevantes, de assegurar à Nação "a continuidade da vida e do espírito" — essencial a toda civilização que assente sobre o conceito basilar de que, para o indivíduo como para a sociedade, a "luta pelo dinheiro" importa minor do que a "luta pela supremacia do saber".

Situa-se precisamente neste lance fugidido da carreira de Amadeu Amaral a única encurralhada em que as suas letras se encontram com a política. Mas, vêde bem, com a política de bom quilate: com a política sã que obedece à razão e prática moral; com a política de mãos limpas e de consciência inquebrantável, cujo objetivo precípito é a paz e cuja lei suprema é o trabalho pelo bem comum.

Foi a essa política sem ambições e sem partidos, sem ódios e sem prevenções, que Amadeu Amaral não se deu digno de prestar a sua lúbrica cooperação. Mas fé-lo, a exemplo de Lamartine por dever social, por injunção de solidariedade cívica, "como todo passageiro que, nas horas de tormenta, há de colaborar forçosamente com a equipagem, galgando as vergas, amarrando os risos, amainando ou desfraldando as velas".

Fé-lo (relevante que o repita) de verdade, abstrato, quase desilicente e — por defender-se do espinho e do pó da estrada — embuçado todo.

numa tónica ideal de sonhos aveljante.

Se por essas planícies requemoras éle passou... passou a passo lento, na passagem efêmera e distante de passado das alturas, que perpassa rumo da cordilheira.

"triste e só sem fazer nenhum mal a ninguém..."

Em "Letras Floridas" por duas vezes citou Amadeu Amaral, da secular Comédia de Bristo, a desalentada sentença: "poetas não tudo flores, pelo fruto não esperem".

Clama aos céus a mentira investrada desse conceito. Contra ela protestam, na mais alta e vigorante das contradições, a conduta e a ação de Amadeu Amaral: vida familiar de labor e de honestidade, de espóbio dedicado e de homem de letras que fez sistematicamente da poesia, do verbo e da pena as armas impolutas e infrangíveis com que batalhou e venceu as mais renhidas e mais brilhantes campanhas pela Arte, pelo Bem e pela Pátria.

Por isso, foram esplendoro-

so os seus triunfos, como será inacessível a sua glória. Mas, na parafrase harmoniosa de Guilherme de Almeida:

"... ésis gloriosos não acredites (tu na glória, Julgou ser entre os homens, sobre a terra, monge vagando em corredor escuro alheio aos ecos da comunidade, ou ser "na escuridão do mundo o paradigma da renúncia e da paz, uma sombra de um enigma, perpassando sem ruído a caminha do Alem".

Não lho consentiram, porém, os contemporâneos.

Não lho consentirá a Posteridade. Não lho consentirá jamais Capivari — a sua generosa e nobre terra natal. Afirma e comprova-o o monumento que à nossa frente se levanta e em cujos moldes o escopro perito de Vitor Brecharet retratou, com impressionante fidelidade, as feições plácidas e distintas do Poeta.

Erguida bem no amago da "terricla tão clara, tão singela, tão pequena", a sua casa, o jardim, o teatro, a escola", esta herma — como uma dessas lâmpadas votivas que, nos cemitérios antigos, conservavam a fênix da lembrança dos mortos queridos — aqui ficará para sempre, confiada à guarda e ao culto perenes do povo de Capivari.

Ao redor dela, nas lindas manhãs tranquilas, inundadas de claridade e acendadas de sol, "uma imensa guirlanda de crianças esbeltas, rosadas e gentis, prestes a entrar para o palco da vida, em rodas juvenis, na eurtimia da graça e da saúde, encherá o ar de música inefável de suas vozes e de seus risos". E à hora nostálgica do crepúsculo, quando o badalar do "Angelus" vier compassando lentos intervalos para a oração e para a saudade — à semelhança do que, nas lendas da Grécia, acontecia com o mármore inerte de Memnon — é bem possível que, misteriosamente vocalizadas pela brisa, ressemem no bronze sonoro desta elígie as estrofes magníficas:

Gênios mansos da tarde, escutai minha prece, Sinto-vos deslizar por estas areias. Pondez Um véu de seda azul no ombro nu da colina, Entre as montes, o rio em silêncio o adormece. E sob, lento e lento, entre os cimos as frondes, Da jadiga da terra o sonho do nebina...

Permit que minha alma, ao gesto da represa Que se abriu e invadindo as regiões convulsivas, Por tudo se derrame, arrastada, envolvida Por esta alma abismal das colinas, ampla e bela.

E também se demanche em sombras e em murmúrio, E palpito com a fronte e soa-luce com o rio Deixai-me carregar comigo alguma coisa Deste instante feliz de beleza e verdade, De plenitude e paz, de sonho e de infante".

Terminado o discurso do Sr. Dr. Altino Arantes, coroado com vibrante salva de palmas, assumou a tribuna o representante da Academia Brasileira de Letras, pronunciando a seguinte oração:

ORAÇÃO DO SR. MUCIO LEAO

"Aquele suave e encantador poeta, aquele prosador magéculo e seguro, que foi Amadeu

Amaral, deu-nos a fórmula do seu espírito, quando escreveu, no fecho do soneto "Voz Interior", estes dois versos incomparáveis:

"... alguém que assista às lutas da existência Triste e só, sem fazer nenhum bem a ninguém.

Ao contrário do comum dos brasileiros, que pecam pelo excesso, Amaral pecava sempre pela parcimônia. Ai mesmo, nesses dois belos versos, que tão belamente resumem o alto e puro ser moral que éle foi, encontramos a parcimônia, a medida, a preocupação de dizer menos do que pode ser dito... Vede que Amaral não escreveu alguma coisa afirmativa, como, por exemplo — fazendo o bem aos outros; o que éle escreveu é alguma coisa restritiva ou mesmo negativa — sem fazer nenhum mal...

E, entretanto, Amaral passou pela vida fazendo o bem. E o fez por todos os meios ao seu alcance.

E' fazer um bem à humanidade ser-se poeta, amar-se a poesia, o caminho certo que leva ao coração de Deus. E' fazer-se um bem à humanidade, dedicar-se a profissão das letras e do jornalismo, na altura em que o fez Amadeu Amaral.

Se nos detivermos nos momentos na análise de sua obra, iremos ver que tudo e que nada transparece e é um continuo hausto de simpatia e de ternura, um continuo testemunho de amor pelos homens.

Oihal-o, por exemplo, num dos seus exercícios diletos, no exercício que éle teve no terreno da crítica, terreno em que é tão fácil a um homem tropeçar nos escolhos da inteligência, da perfídia, da excessiva e incoerente validade. Oihal-o e vede como éle ali se conduziu. Não percebeis que Amaral é o crítico de expressão sempre medida e indulgente, que éle mais proceuro estimular os que possuem legítimos dons literários do que sorrir da infeliz multidão dos que se ludiam com o seu próprio talento, e que se fizeram poetas ou prosadores falhados, quando a vida os criara para excelentes guarda-livros, para átimos operadores, para perfectos marceneiros? Amaral sabia que errar não é uma coisa de todo imperdoável. E aprendeu no livro dos livros que mesmo ao mais orgulhoso e entonado dos gênios é possível endereçarmos a inflexível observação de Jesus — aquele que estiver sem pecado atre a primeira pedra. Vivendo dentro desses clima espiritual de tolerância e mesmo de caridade, foi que éle encontrou o caminho de sua crítica, nunca pretenciosa ou fátua, humana sempre, conselheira, acolhedora e serena.

Foi esse ideal de amor pelos homens que o levou a outras formas de atividade de pensamento e de criação literária; ao conto e à novela, onde é lícito ao escritor demonstrar que o homem tem em si reservas desconhecidas de energia, que o podem conduzir ao maior aperfeiçoamento íntimo. E foi éle, também, aquele formoso ideal de amor, que o conduziu às suas queridas pesquisas do folclore, terreno em que o seu espírito, a sua paciente facultade de análise, o seu senso de crítico sutil, capaz de discernir entre nuances, todos aqueles raros e preciosos atributos que lhe formavam o ser, prestou a São Paulo e ao Brasil serviços inestimáveis.

O terreno, porém, em que Amadeu Amaral revelou mais

AMADEU AMARAL

Discursos na inauguração do seu monumento em Capivari

longamente o doce amor que o ligou à humanidade foi mesmo o da poesia. Ele pertenceu à última geração parnaiana, é um epigono de Alberto de Oliveira, de Raimundo Corrêa e de Olavo Bilac. Aos olhos de um crítico que desejasse analisar-lhe a obra, poderia parecer aparentada com esses três grandes poetas. Em comum com Alberto de Oliveira, possui certa impetuosidade grave e certa frígia marmórea na construção do verso; em comum com Raimundo Corrêa, possui a filosofia; embebida em triste desencanto, em descrença, em pessimismo, em dor. Com Olavo Bilac seus laços são mais misteriosos e mais íntimos. O alto poeta, que, como um Deus, abriu no céu de nossa poesia a escarpa de ouro da "Via-Lactea", foi, creio, o primeiro mestre, e primeiro modelo de Amaral. E mais tarde, quando, realizando um voto que para um movimento generalizado nos meios espirituais paulistas, a Academia chamou Amaral ao seu rebo, para preencher a vaga de Bilac, levou, com esse ato de justiça literária, e mais puro e explicável orgulho ao coração do poeta de "Nevos".

Se eu quisesse levar mais longe essa relação de parentescos que acabo de esboçar, iria mostrar-vos que as aproximações de Amaral são muito mais íntima com Raimundo Corrêa do que com Olavo Bilac. Aquele clima de melancolia permeia em que ele vive e respira, aquele amor à névoa e à nobilidade, em que a sua musa se transfigura tanta vez em visão de paraiso, aquela pureza de intenção amorosa, mereço da qual em nenhum de seus versos se insinua jamais a claridade de um selo de mulher, aquele fugir sempre para as regiões do pensamento descepcionado de si mesmo, de

idealidade e de sonho, embora um sonho amargo, uma idealidade dolorida... aquilo tudo e muito mais um dom do desconhecido poeta de "Horoscopo" e de "Harmonias da uma noite de verão", do que da poeta ardente e amorosa de todas as sensações humanas e caruais que escreveu a "Tentação de Xenocrates" e "In Extremis".

Outra manifestação do amor que Amadeu Amaral dedicou a toda a humanidade transparece no seu jornalismo. E' amar a espécie humana e estar sempre com ela preocupado, procurando corrigi-la nos erros que apresenta, procurando consertar os males que a afligem. Amaral muita vez dava a essa manifestação do seu amor forma graciosa e humorística, como o vemos em tantos e tantos de seus artigos de jornal.

Creio, de resto, que é essa — a do jornalista — a feição literária mais acentuada, entre quantas possuiu o poeta de "Nevos", o conteste de "Pulsões da Ferro", o crítico de "Elogio da Mediocridade", o pesquisador incansável de tantos segredos do folclore paulista e brasileiro. Em sua atividade de homem de jornal, não podemos deixar de vê-lo integrado por toda a vida no "Estado de S. Paulo", ele que para ali entrou desde os dias épicos do movimento civilista e que ali ficou, fiel e constante, até falecer. Acrescente-se que ao entrar em 1919 para o corpo de redação do valente órgão em que João Mesquita defendia, personificando em Ruy Barbosa, a própria dignidade da alma brasileira, Amaral já vinha de outras brilhantes atividades jornalísticas. Tinha sido, ainda na adolescência, colaborador de "O Popular", a folha que seu pai editava em São Carlos do Pinhal; tinha

sido redator do "Correio Paulistano", redator do "São Paulo", redator do "Correio de S. Carlos", redator do "Comércio de São Paulo", fundador e redator de "Farpa", Paulo Durão, que com tão desvelado carinho reconstituía os laços principais da cidade de Amadeu Amaral, mostrando o escritor perdido nas colunas jornalísticas, multiplicando a sua atividade em vários pseudônimos e em várias siglas, sendo ora Maneco, ora Felício Trancoso, ora Carlos Pinto, ora Yoric, ora A., ora AA., ora Y.

Quando a mim, confesso, se fixo, em conjunto, a figura literária de Amadeu Amaral, é para a sua manifestação jornalística que tenho maior carinho. Como jornalista, dentro de um jornal, é que vive a honra de me aproximar dele. Foi isto na efêmera fase em que Laudelino Freire tomou a si a direção de "Gazeta de Notícias". Para lá conseguiu levar, como o seu braço direito Amadeu Amaral, que era o secretário da folha. Entre os operários que escolheu para comporem sua redação, para bem trabalhar ao seu lado e ao lado de João Ribeiro, mestre diácono de todos nós, Laudelino Freire incluiu, o meu nome, dando-me a responsabilidade da coluna de crítica literária. Foi então que me aproximei durante algumas semanas daquele homem plácido, cismático e generoso. Alto e magro, louro, com o seu rosto vincado do rugas a sua maneira discreta, a sua delicadeza, a sua inalterável doçura, Amaral foi desde logo um dos compreendidos mais queridos a todos nós. Infelizmente, a direção de Laudelino Freire no velho órgão que Ferreira de Araújo revolucionou a imprensa brasileira, foi curíssima.

Mas o amor que Amadeu Amaral dedicava à humanidade

de não teve apenas aquelas manifestações literárias que acabei de indicar. Ele não se limitou a dar aos homens a sua generosidade de poeta, de crítico, de jornalista. Não se contentou com amar-lhes principalmente como um ser humano. Seus biografes são unânimes em mostrá-lo afetuosos e acolhedor para todos os que procuravam, e citam-se casos — como, por exemplo, o de seu outro maravilhoso filho de Capivari, que é Rodrigues de Abreu — de escritores e de poetas que Amaral amparou e estimulou, protegendo-os, arranjando-lhes empregos e editores, levando-os à fama e até à glória.

Tal é o perfil realmente puro e alto, do poeta de "Lâmpada Antiga". Capivari, a cidade, que ele proclamou sempre sei a sua cidade, a terra do seu coração e do seu espírito, tem motivo para tismarmunhar-lhe esse aprico, esse afeto, esse amor, de que sentimos impregnada a bela festa de hoje. Esse aprico, esse afeto, esse amor, e apenas um ato de retribuição. Amaral adorava estas paisagens, e não sei de cidade paulista que tenha merecido a um seu poeta um sono tão comovido, quanto este:

*Es-me na minha velha terra,
Tão clara, tão simples, tão pequena!
Relevo a meninice. E' a mesma casa,
minha casa, o jardim, o teatro,
a escola.
Tudo o passado se me desvora
em torno, e tudo, como foi, se
Sorrio, infante de ruidada gola,
de cabelo dourado e alma serena.
Mas, quem sabe se o tempo
que supponho
morto, ainda é presente? se a*

*amargura
de o sentir findo não é mais
que um sonho?
E, absorto, penso ouvir, pela
fúncula,
a voz de minha mãe que me
procura,
para saber se estou bem perto
dela...*

Tal foi, meus senhores, como poeta, como homem de letras, como cidadão, o nosso doce e grande Amadeu Amaral. A Academia Brasileira de Letras teve a felicidade de contá-lo no seu quadro, a felicidade de vê-lo meditar e trabalhar, "excedendo a medida comum dos académicos", como dizia um dos maiores espíritos que naquele momento honravam a nossa casa.

Para seu representante na cerimónia de hoje, designou-me a instituição. E incumbiu-me de traduzir aqui as lembranças e as saudades que ainda conserva do meigo poeta, do modelar prosador, cuja magestosa feição agora aqui vemos reproduzida no admirável bronze de Brecheret. Em nome, pois da Academia Brasileira de Letras eu me congratulo com os filhos de Capivari; que soberanamente prestam ao seu poeta esta alta e significativa homenagem. Com uma cerimónia como a de hoje, eles proclamam a geração presente e às gerações futuras que os filhos da terra paulista, os filhos da terra por excelência criadora de fortuna, sabem que acima das magníficas conquistas materiais estão as conquistas desinteressadas do espírito. São Paulo é grande — proclamam-nos eles, com uma cerimónia como a de hoje — porque possui o seu extraordinário parque industrial, mas é maior ainda porque possui um Vicente de Carvalho e um Martins Fontes, um Rodrigues de Abreu e um Amadeu Amaral".

Açúcar Diamante

O MAIS PURO

O MAIS ALVO

O MAIS SÊCO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos em Pernambuco

Escritório: Rua do Brum, 85 — Caixa Postal 257 — Recife

Inscrição n.º 64 — Rio Formoso — Pernambuco

DOIS PERFÍS DE ESCRITORES Sonetos de Walfredo Martins

Apareceu, recentemente, um livro do escritor Dilermando Cox — *A Fiscalização do Consumo e o seu lado pitoresco*.

Pertencendo à classe dos fiscais de consumo, fixou Dilermando Cox, nas pitorescas páginas que escreveu, as mais destacadas figuras dos seus colegas, entre os quais se contam dois membros da Academia Brasileira de Letras, deputados federais, escritores de renome nacional.

Damos a seguir dois dos mais interessantes flagrantes que se encontram no livro de Dilermando Cox — os retratos dos escritores Viana Moog e José Lins do Rego.

VIANA MOOG

Glodomir Viana Moog é um gaúcho alto, claro, de olhos azuis sonhadores. Quem o vê de perto, belo, aladrado, o ar perdido de quem está pensando em coisas distantes, não sabe o irrealizável Don Juan que ali está, sob superior indiferença olímpica. E', também, o gaúcho mais pacífico que já me foi dado conhecer. Nêle tudo é calma, suavidade... É um espírito de veludo perdido no meio das arelas da profissão que escolheu. Escolheu? Eis aí a dúvida. O lado material estava resolvido com a sua nomeação para o cargo de agente fiscal do imposto de consumo, como éle próprio confessaria mais tarde: — "Se as graças não haviam acudido com mirra e incenso e corrução de ouro ao lar em que nasci; se tudo até então havia sido contra-temos e embaraços para o desdobramento normal dos meus pendores, agora eu estava ali com apenas vinte e um anos e já estava com o problema da subsistência, que perturba as naturezas mais harmoniosas, influndolhes no julgamento, inteiramente resolvido.

Estava ali, e já era Príncipe da República!

Mas, teria êle escolhido, realmente, êsse meio de vida?

Embora êsse Príncipe seja um burocrata honesto e cumpridor dos seus deveres funcionais, é o espírito de col, o escritor brilhante, o membro mais moço da Academia Brasileira de Letras, avesso às questões fiscais que lhe provocam mais arrepios n'alma que, aos ouvidos causam, um discurso do senhor Pasceel Ranieri Mazzili.

Ense autor de vários livros de valor, não suporta, não compreende, não assimila os regulamentos fiscais. Constitui para êsse espírito de artista, n'êto à literatura, um tormento a interpretação das leis, artigos e parágrafos que dizem respeito à sua profissão.

Uma tarde entrava eu, as duas horas, no grande salão da S. P. quando se me deparou o nosso Moog, em attitude extática, numa das grandes janelas da seção. Aproximei-me, perguntando-lhe:

— Então, alguma coisa no pensamento?

— Muito pior!... respondeu contrariado, colorando a mão direita sobre o meu ombro: — E' mais fácil meter-se cálculo diferencial no cérebro de um tupiniquim do que o regulamento do imposto de consumo no meu.

Voltou à posição primitiva e continuou absorvido, de olhos azuis perdidos na distancia...

JOSE LINS DO REGO

José Lins do Rego, ou simplesmente Zé Lins, é o romancista vigoroso que o Brasil conhece. O notável criador do ciclo da cana de açúcar, com a sua aparência de egresso do campo grande, é também fiscal do imposto de consumo. Parabenos de nascimento, estudou Direito em Recife e foi nomea-



Dilermando Cox

do fiscal do imposto de consumo para o interior do Estado de Alagoas, onde escreveu e publicou o seu primeiro e famoso romance, "Menino de Engenho". Transferido depois para o Estado do Rio de Janeiro, tem servido em vários Municípios daquele Estado, sendo que um dos seus grandes livros, "Água Mãe", tem como cenário a lagoa de Araruama.

Esse colega ilustre, figura destacada na sua classe pela pujança do seu formoso talento literário é, como funcionário fiscal, do tipo do seu colega Moog. Muito se tem esforçado para progredir entre o cipal cerrado dos artigos e parágrafos dos regulamentos; mas, não há jeito. Todo o seu esforço redundou em nada. Prefere escrever dez romances, matar todas as Eurídicas que aparecem na sua mente criadora a lavrar um auto de infração ou uma simples notificação.

Há uns cinco anos mais ou menos, servia êsse nosso colega em Cabo Frio.

O colega, depois de acurado estudo, chegou à conclusão inabalável de que certa firma comercial estava sonhando à larga. Chamou o fiscal-romancista, pondo-o ao par do que

se passava; êste, alarmado com a possibilidade de ter de lavar um auto de infração, apavorou-se, e, em pânico, procurou socorro junto à experiência de Barros Carvalho, que tudo lhe explicou minuciosamente, redigindo por fim, o próprio auto de infração.

Restituído à calma, o nosso colega regressou no dia seguinte pelo primeiro trem à circunscrição, levando na pasta, o auto e as instruções ministradas na véspera pelo colega prestimoso.

Chegou à localidade, saltou na Estação, meteu-se num taxi, e rumou para o estabelecimento comercial, levando n'alma mais audácia que os caçadores de tigres nos juncaes da Índia misteriosa.

O comerciante, entretanto, era devoto de Ourã, santo forte e bom protetor...

Quando o nosso Zé, procurou a pasta sob o braço, verificou com espanto, que a esquecera, não no taxi, mas no próprio trem! Regressou, às pressas, à estação, onde o Chefe solícito, transmitiu vários telegramas aos colegas das outras estações. Tudo em vão! Para felicidade do comerciante a pasta fatídica não foi encontrada.

Ogün quando protege...

CANDIDO DUARTE

Faleceu, há dias, no Recife, o dr. Cândido Duarte, figura que tanto respeito e tanto apreço mereceu sempre dos pernambucanos.

Cândido Gomes Duarte nasceu no Rio Grande do Norte, mas fez toda a sua vida no Recife. Formou-se ali em Direito, em 1900, e desde cedo descobriu a sua verdadeira vocação — que foi a de educador.

Tornou-se desde logo conhecido o seu Instituto Ginasial Pernambucano, o excelente educandário por êle mantido na rua da Aurora. Era aquele um tempo em que o Recife mantinha a liderança do Nordeste no ensino secundário, e via multiplicarem-se os estabelecimentos do gênero: o Colégio de Carlos Porto Carrreiro, o Instituto Aires Gama, de Alfredo Gama; o Instituto Carneiro Leão, o Colégio Pestalozzi.

Entre êsses educandários — todos aliás excelentes, reunindo um magnífico corpo de profes-

sores — destacava-se, pela disciplina dos métodos e o rendimento do ensino, o Instituto Ginasial Pernambucano. Ali diplomaram-se brilhantes rapazes, que hoje ocupam excelentes posições no Brasil, como o desembargador Adelmar Tavares, o governador Barbosa Lima Sobrinho e Mucilo Leão (todos da Academia Brasileira de Letras), Oliveira e Silva e Edmundo Jordão, conspícuos juizes, tantos professores, tantos magistrados, tantos intelectuais pernambucanos e nordestinos.

Cândido Duarte acaba de falecer, com cerca de 80 anos de idade. Era, ultimamente, diretor da Escola Normal do Recife, e ali continuava no exercício do seu apaixonado sacerdocio de educador.

Seu enterro constituiu uma apoteose, e nele o coração dos antigos e dos atuais alunos de Cândido Duarte revelou o quanto fielmente amava o velho e nobre educador.

A Lua

A máscara mortuária luminada,
A lua é o rosto de uma imagem pia,
O rosto branco da melancolia,
No santuário da glória amortalhada.

A chaga viva de uma punhalada,
Em cada estrela a fiamula irradiada,
Arde nos céus a dolorosa via,
A proclamação da luz crucificada.

A Lua é uma cabeça decepada:
— A legenda de dór do austero Asceta
Fulge na salva de ouro enasanguentada.

E à alta ampliação érna das noites, quando
O anjo da morte o pensamento inquieto,
— Passa a princesa Saleem dançando.

O Mar

A MUCILO LEAO

Os espelhos do mar, as vossas cavas,
Levantam-se no pélago remoto:
— Cratera imensa a desfazer-se em lavas,
Lavas de prata de vulcão ignoto.

Com a impreciação de um malinado voto,
Raja, nas ondas líbricas escravas
Que, ao negro peito do rochedo imoto,
Os corpos rasgam, nuas e almi-flavas.

O mar é o grande naufrago perdido!
E' o naufrago de um deus incompreendido,
Despedaçando o seu eterno arcano.

Nos vãos abismos e longinquos érnos,
O mar é um mar de cérebros enérmos!
Rola no mar o desespero humano!

Ouvindo o príncipe dos poetas brasileiros

(Continuação da pag. 152)

dos nossos simbolistas, quem o é? Será o autor das "Canções da Decadência"? Sou indisposto para pensar assim de Medeiros, insuspeito e talvez ingrato, porque êle, falado em mim, sempre tem sido muito lisonjeiro.

Está vendo, pois, o Sr. Alberto, que o caso Cruz e Sousa-Silvio Romero só ganhou real importância por sua causa. Porque o Sr. Alberto é Príncipe e um dos chefes do parnasianismo no Brasil. E feio, nestas condições, vir atacar um morto como o Poeta Negro.

E feio, mas compreende-se que certos atos estão acima da nossa vontade. Sobretudo, cá vontade dos poetas, a quem no íntimo só a glória importa, e portanto os adverbos, e portanto os, apesar, acaso, de todas as suas vitórias exteriores, os mortifiquem surdamente sem cessar.

Assim, não foi por maldade que eu lhe vim à mão: foi porque seria imbecil quem, amigo de Cruz e Sousa como eu fui e andando envolvido na tal pilhéria, deixasse de levemente arreafiar-lhe a cabeleira, a'nda que ora finalmente branca e venetável, a propósito dêste seu gesto tão antipático, se não fosse tão infantil. — Nestor Vitor".

III

REPUTAÇÃO DE TOMAS DELFINO

Também Tomás Delfino, em artigo estampado n' "O País", mostrou-se ressentido, a propósito das palavras que o Alberto de Oliveira se referia ao ilustre poeta de *Alas e Musgos*. Alberto respondeu-lhe, pelo "O País" de 28 de março de 1927, com a seguinte carta:

Recife, 27 de março de 1927.

Exm.º Sr. Dr. Tomás Delfino: Sinto em sua carta, mágoa ou ressentimento por algumas palavras minhas, acerca de *Alas e Musgos*, reproduzidas em página do "Jornal do Brasil", com que fui honrado. Refletindo sobre esta opinião e sobre o que por mais de uma vez lhe disse quanto à publicação dêste primeiro volume dos sonetos de Luís Delfino, reconheço que não f'z senão repetir juizo meu que já conhecia. Não devia, pois, estranhar-me.

Em minha interlocução com Gonçalo Jorge, autor daquela página do "Jornal do Brasil",

não me pude, infelizmente, alongar sobre o grande poeta, de que me ufano de haver merecido a amizade, por desvios de nossa conversação para outros assuntos. Não fosse isso ou dispusesse de mais tempo, e teria mostrado até onde vai a minha admiração e vai o meu culto, culto e admiração que datam de tantos anos, pelo autor de alguns dos mais belos sonetos que sei de cor, do *Corropido*, e tantos outros formosos poemas.

Faria também ver e melhor ao meu ilustre interlocutor e amigo que só ao digno filho de Luís Delfino, não se querendo demover do propósito de, sem nenhuma seleção, estampar tudo o que achou escrito de-mão postuma, se deve a impressão desagradável produzida em alguns espíritos por várias das páginas de *Alas e Musgos*. Porque esta é a verdade, meu caro Dr. Tomás Delfino, não-lhe embora dizer-lho, o senhor é culpado de não termos, desde logo, na publicação dos versos do grande poeta, um livro em tudo admirável e em tudo digno dele. Ele escrevia com hábito ininterrupto, escrevia sempre e ao senhor mesmo ouvi que não emendava os seus canções: "odia-vos a pó que deixa a lina" como dos seus dizia Alvarez de Azevedo. Natural é, pois, tivesse às vezes horas menos felizes de inspiração; de onde haver em seu acervo pódico composições inferiores, frouxas, descuidadas e até de mau gosto de idéias e expressão, ao lado de muitas, em grande número, ótimas, excelentes, maravilhosas. Tiverse Delfino, êle mesmo, em vida, de dar-nos um volume de suas produções e, certo, não o f'zera sem escrupulosa seleção. A publicação, infelizmente, veio póstuma e veio como não devia vir, sem discriminação, alto e baixo, com grandes belezas, de par com graves incorreções, com muitos primeiros e também muitas extravagâncias. Lamentável. Faço justiça aos seus sentimentos de veneração por memória tão alta, respeitando tudo quanto seu ilustre pai escreveu, mas em deixa" do parte algumas composições cujas escolhas para as antologias em volume, penso não iria quebra dêsse respeito.

Não me abra mão de sua simpatia pela franqueza com que lhe falo.

O senhor, como filho, podia onerar mais a Luís Delfino, mas não o admira mais do que eu".

Verbetes para o Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro

ABREU, BRITO E JOAO INACIO DE —

Acham-se, sob seu nome, segundo Vilho Sobrinho, os seguintes trabalhos:

1 — *Das utilidades que se podem tirar do Estado do Grão Pará, sob a escuratura, 1773* — Cópia fil de 5 fols no Instituto Histórico Brasileiro.

2 — *Mapa geométrico (sic) do curso dos três rios Guajará, Jooana e Carité, com todas as Sítios estabelecidos (sic) na ribeira desses rios. Partem do Caminho dirigido da Vila de Orenem, para Maranhã, e Caminho interior da dita Vila até à Vila de Bragança. Com as plantas topográficas de ambas as Vilas. Feitas na diligência do sr. ... em Mese (sic) de agosto no Ano MDCCCLVIII.* — Um, 220 x 0, m.490, original a esquerda sem o nome do autor.

ABREU, CANDIDA, ISOLINA DE —

Nasceu em Porto Alegre (ou em Pelotas?) em 1862. Colaborou no *Parthenon Literário* e em outras revistas literárias gaúchas, como a *Arena Literária*.

ABREU, CAPISTRANO DE JOAO —

Nasceu em Maranguape, Ceará, e era filho do major Jerônimo Honório de Abreu e de sua esposa D. Antônia de Abreu. O major viveu até 1913, e D. Antônia até 1922. Capistrano viu a luz do sol a 23 de outubro de 1853.

Fêz as primeiras letras e os estudos secundários no Colégio dos Educandos, que era dirigido pelo padre Nogueira Bravosa, no Alameda Cearense e no Seminário de Fortaleza. No segundo desses estabelecimentos teve a felicidade de encontrar o menino Guilherme Studart, mais tarde barão de Studart, que lá era seu amigo através de toda a existência e que é uma figura de real destaque no quadro dos estudos históricos brasileiros.

O Ceará naquele momento, possuía uma brilhante elite intelectual, e os principais nomes do momento são talvez o de um Rocha Lima — grande espírito; tão cedo desaparecido —; e de um Afrânio Júnior, que veio a ter tão predominante situação no Brasil mental dos fins do século passado e do começo deste século. Capistrano foi uma das grandes figuras da aquela curiosa organização espiritual de Fortaleza que se batia a si mesma de "Academia Francesa". Já naquele tempo apresentava as qualidades básicas de seu espírito: a seriedade nos estudos, a segurança firme das opiniões, o sarcasmo agreste, a soberana ironia na crítica.

Em 1869 parte para o Recife, e ali se demora pelo espaço de cinco anos. Também no Recife encontra um grande ambiente intelectual, pois o Recife em que ali esteve foi aquêle em que talvez mais se accentuou o predomínio de Teubina; foi o período em que Silvio fez o seu notável concurso da Faculdade de Direito, o período da "Morte da Metastásia". Capistrano encontra na capital pernambucana ótimos estímulos para o trabalho intelectual, e principalmente para o trabalho jornalístico.

Em 25 de abril de 1875 chega ao Rio de Janeiro. Por decreto de 9 de agosto de 1879 é nomeado para e cargo de oficial da Biblioteca Nacional.

Já do Norte trazia um maduro e longo tronco de imprensa — da época em que trabalhara no "Maranguapense" — na Constituição e na *Fraternidade*, do Ceará; e nas folhas recifenses. Chegando ao Rio, continuou a exercer atividades jornalísticas. Empre-

teu sua cooperação, já como redator, já como simples colaborador e numerosas folhas, como O Grêbo, a *Gazeta de Notícias*, a *Semana*, a *Revista Brasileira*, o *Jornal do Comércio*, e *Kosmos*.

Na Biblioteca Nacional ficou apenas cinco anos. Deixou aquêlo cargo em 1883, quando, depois de milhantissimo concurso, foi nomeado professor de Geografia e História do Brasil da Colégio Pedro II, cargo em que, em 1893, foi posto em disponibilidade.

Pouco antes — em 1881 — havia casado com D. Maria José de Castro Fonseca, filha do almirante Inácio Joaquim Fonseca de D. Adélia J. de Castro Fonseca. Sua esposa era uma figura feminina de raro valor e raro encanto, a poetisa dos *Écos de Alma*, a "São cristã", como lhe chamou Gonçalves Dias. Foi famosa, no seu tempo, pelo seu talento de repensista.

Capistrano teve os seguintes filhos: D. Honorina de Abreu, que se fôz freira e é hoje a Soror Maria José da Jesus, prioresa do Convento de Santa Tristina, nesta cidade; Adriano de Abreu, jornalista e jornalista, funcionário do Ministério da Viação; Fernando que fôz parte na epidemia da gripe; Henrique e D. Matilde Abreu Nogueira, esposa do dr. Aptigio Nogueira, medico em Minas Gerais.

Dos filhos de Capistrano de Abreu, um — D. Honorina — herdou o astro poético que tanto fulgira em sua avó, D. Adélia Fonseca. Percebemos nela uma poetisa de doce e profunda sensibilidade, embora pouco tenha dado de sua inspiração aos leitores.

O escritor faleceu nesta Cidade, vítima por ataque de pneumonia gripal. Teve penosa agonía, que se estendeu nos dias 12 e 13 de agosto de 1927. Expirou na madrugada desse último dia. Foi inhumado no cemitério de S. João Batista, sendo o seu enterro conduzido a pé pelos seus numerosos amigos. Passou da Academia Cearense de Letras,

ESCRITURAS (principais trabalhos):

1 — *Perfis juvenis*. 1. *Casamento de Abreu*.

II — *Junqueira Freire. No Rio Maranguapense de junho, julho e agosto de 1874*.

2 — *Raimundo José da Rocha Lima. E uma introdução à Critica e Literatura, Maranhão, 1876*.

3 — *O Brasil no século XVI* — Rio — 1860.

4 — *Fernão Cardim* — Rio, — 1881.

5 — *Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI. Tese de Concurso* — Rio — 1863.

6 — *J. E. Wappena. A geografia física no Brasil (edição continuada)* — Tração — Rio — 1884.

7 — *Materiais e achegas para a história e geografia do Brasil* — Rio 1898.

8 — *Frei Vicente do Salvador. Livros I e II da História do Brasil* — Rio, 1887.

9 — *Do Rio de Janeiro a Cuiabá, viagem do naturalista Herberth Smith. Tradução* — Rio — 1887.

10 — *A. W. Sellin. Geografia Geral do Brasil* — Tradução — Rio — 1889.

11 — *Notas sobre a Paraíba (Prefácio ao livro de Irineu Joffily* — Rio — 1892.

12 — *Sophas Rupp. — Crisóstomo Colombo e Vesso da Gama, Tradução*.

13 — *Dr. Paulo Ehrenreich — Divisão e distribuição das tribus do Brasil. Tradução* — Rio — 1892.

14 — *Monografias Brasileiras. Os Mamíferos no Brasil,*

de Emilio Goeldi — Rio — 1892.

15 — *As aves no Brasil*, de Emilio Goeldi — Rio — 1894.

16 — *Os Bacarys*. — Rio — 1895.

17 — *Sobre uma história do Ceará*. — Rio — 1899.

18 — *História topográfica e lédica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*. — Rio — 1900.

19 — *Sobre a Colônia do Sacramento*. — Rio — 1900.

20 — *O descobrimento do Brasil. Memória publicada no Livro do Centenário* — Rio — 1900.

21 — *Diálogo das Grandezas do Brasil*. — 1900.

22 — *Os primeiros descobrimentos de Minas*. — 1901.

23 — *Tricentenário do Ceará. Rio e Fortaleza*. — 1904.

24 — *História Pátria — Artigos no Kosmos*. — Rio, 1906.

25 — *Capítulos da História Colonial*. — Rio — 1907 — 2.ª edição em 1933.

26 — *Ra-trani-kai Gramática (texto e vocabulário Caribó)*. — Rio — 1914.

27 — *Francisco Ramos Paz*. — Rio — 1928.

28 — *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* — Rio — 1932.

30 — *Primeira visitação do Santo Officio às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia, 1591-1592)* — Rio — 1932.

31 — *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*. — 1.ª série — Edição da sociedade Capistrano de Abreu — Rio — 1931.

32 — *Ensaio e Estudos* — (Crítica e História) — 2.ª serie — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Rio — 1933.

33 — *Ensaio e Estudos* — (Crítica e História) — 3.ª serie — Índice:

I — *HISTÓRIA: João Coutinho, Senhor de Solís, Clerigos e Leigos; Ceará e Rio Grande; Sobre a Colônia do Sacramento; Fases do Segundo Império; O Brasil no século XIX;*

II — *NOTAS NOTICIAS: História Pátria; Notícias atrazadas; Livros novos; Para a História;*

34 — *III — LINGÜÍSTICA E ESCRITURAS: Os Bacarys; Os Caribó; a Língua dos Caribó; — 369 — páginas — Edição 186-591 — 08-61 — Waunderly da Sociedade Capistrano de Rio — 1938.*

35 — *Carta a José Veríssimo* — Revista da Academia Brasileira de Letras n.º 119.

36 — *Gramática, textos e vocabulários Caribó*. — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Rio, — D. Federal — 1941 — 650 páginas.

Fontes sobre Capistrano de Abreu:

ALENCAR, MARIO DE — Capistrano de Abreu, Almanaque Garnier para 1901, página 338 — (com retrato de C. de A.)

ALVES, CONSTANCIO: Capistrano de Abreu — Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 84.

AUTORES E LIVROS — vol. 6 — n.º 5 — (6-2-1944).

Encerra:

— Notícia sobre Capistrano de Abreu.

— Bibliografia de Capistrano de Abreu.

— Estudos sobre Capistrano de Abreu, de João Ribeiro:

I — O Descobrimto do Brasil.

II — Ensaio e Estudos.

III — Cartas de Capistrano.

IV — A morte de Capistrano.

— Capistrano de Abreu, humanista, de Afrânio Peixoto.

— Capistrano, de Afonso Arinos de Melo Franco.

— Correspondência de Escritoras. Carta de Joaquim Serra a Machado de Assis.

— O Descobrimto do Brasil, de Capistrano de Abreu.

— História Pátria, de Capistrano de Abreu.

— Raul Pompeia, de Capistrano de Abreu.

— Adélia Fonseca, de A. A. Capistrano de Abreu, de Humberto de Campos.

— Capistrano de Abreu, de João Pandá Calogeras.

— Um autógráfo de Capistrano de Abreu.

— A meu Pai (soneto) — de Honorina de Abreu.

BLAKE, SACRAMENTO — Dicionário — 3.º vol., pag. 381.

CAMPOS, UMBERTO DE Palavras na Academia — Revista da Academia Brasileira de Letras n.º 71.

CARMO, J. A. PINHO DO — Bibliografia de Capistrano de Abreu — 130 páginas de texto, 19 de gravuras. Instituto Nacional do Livro, Rio — 1943.

CELSO, APOSSO — Palavras na Academia — Revista da Academia Brasileira de Letras número 70.

COELHO NETO — Palavras na Academia — Redimido — (artigo transcrito do jornal do Brasil de 21 de agosto de 1929) — Revista da Academia Brasileira de Letras número 70.

EUCLEIDES — (revista) n.º 1 — pag. 83, 115, 130 — n.º 2 — pag. 101 — (bibliografia de Capistrano de Abreu).

GALERIA NACIONAL — vol. 2 — página 106.

GAMA, DOMICIO DA — Capistrano de Abreu — Revista da Academia Brasileira de Letras n.º 101.

GUIMARAES, AROEU — Dicionário bibliográfico, pag. 14.

INSTITUTO DO CEARA — Fortaleza — 1942 — n.º 6 — 2.º semestre — Capistrano de Abreu.

OTAVIO RODRIGO — Palavras na Academia. Revista da Academia Brasileira número 70.

PEIXOTO — AFRÂNIO — Capistrano e Von Maritus — Revista da Academia Brasileira de Letras n.º 71.

PERDIGÃO, HENRIQUE — Dicionário Universal de Literatura — pag. 454.

RIBEIRO, JOAO — Palavras na Academia — Revista da Academia Brasileira de Letras n.º 71.

VERISSIMO, JOSE — O Descobrimto do Brasil pelos portugueses. "Estudos da Literatura Brasileira" — 3.ª série, Sobre a Colônia do Sacramento. Idem, idem.

ABREU EDUARDO AUGUSTO PEREIRA DE

Nasceu nesta cidade em 1822 e era filho do Comendador Plácido Antônio Pereira de Abreu e de D. Ana Beneditina Pereira de Abreu. Doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi médico da antiga Junta Central de Higiene Pública e Vereador da Câmara Municipal. Era fidalgo da Casa Imperial, Cavaleiro da Ordem da Rosa, socio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, membro do Instituto Nacional de Medicina, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, da Sociedade Amante da Instrução.

ESCRITURAS:

I — *Das causas da menstruação. Diagnóstico da prenhez composta. Color animal. Elefantíase dos dróbes, suas causas e tratamento*. Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — Rio — 1855.

2 — *Utilidade do emprego do laringoscópio nas moléstias da garganta*. — Rio — 1864.

3 — *Memórias sobre as causas gerais e especiais do escorbuto* — Rio — 1867.

4 — *Estudo higiênico sobre a educação física, moral e intellectual do soldado* — Rio — 1867.

5 — *Considerações higiênicas e filológicas sobre o recrutamento do Exército* — Rio — 1865.

6 — *A flocultura-mor e o cirurgião mor das Armas do Reino de Portugal e Estados do Brasil (1888)* — Rev. do Inst. Deixou várias outras memórias. LXXIII.

rias, além de necrologios, pareceres, etc.

Abreu, Fernando de

Nasceu na cidade de Abre Campo, Minas Gerais, a 5 de dezembro de 1824, e era filho de Francisco de Assis Pereira Júnior e D. Jovita de Abreu e Silva. Diplomou-se em farmácia pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1864. Jornalista, redigiu O Cachoeirano, de Cachoeiro do Itapemirim (Espírito Santo). Fez-se comerciante nessa cidade, tendo feito parte da firma Fernandes, Abreu e Cia., estabelecida com uma farmácia. Lutou, politicamente, contra a família Monteiro e, por isso, em 1898, se viu forçado a deixar o Espírito Santo. Voltou a viver no Estado, antes de ser arrolado (1918). Em 1923, foi eleito Deputado Estadual, sendo reeleito para mais duas legislaturas. Em 1934, fez parte da representação espírito-santense à Constituinte Federal, sendo o leader de sua bancada.

ESCRITURAS:

1 — *Furrapos*. Briget editores — Rio — 1939.

2 — *Um livro como os meus*.

3 — *Vergastar*.

Luis

Abreu, Ferreira de

Visconde de Ferreira de Abreu:

Nasceu no Rio de Janeiro, e era filho do Francisco Ferreira de Abreu, Barão de Teresopolis. Fez a carreira diplomática, tendo sido ministro em varias capitais. Aposentou-se em 1914 e faleceu em:

ESCRITURAS:

1 — *A verdade sobre reconhecimento da República pela Espanha* — Petrópolis — 1902.

2 — *Carta aberta ao senhor conde do Rio Branco* — Petrópolis — 1909.

3 — *A verdade sobre a reconhecimto da República pela Espanha*, contendo uma carta aberta ao Barão do Rio Branco — esta publicação foi reeditada pelo "Jornal do Commercio" um artigo ao senhor Arariburgue, publicado nesta "Notícia", Rio, 1914.

NOTA

Autores e Livros continua a publicação sistemática dos verbetes da letra A da *Diccionario Bio-Bibliográfico Brasileiro*, elaborado pelo seu diretor. Estamos perfeitamente conscientes das grandes falhas, e das grandes insuficiências do nosso dicionário, elaborado com meios medíocres recursos que o ambiente espiritual do Brasil oferece a obras de tal valor. Por isso, o autor desse trabalho pede encarecidamente aos seus leitores de boa vontade que cooperem com ele, enviando-lhe, a margem de cada verbeo, os reparos que lograrem fazer, no sentido de completar ou corrigir as notícias bibliográficas. As emendas e as correções assim feitas serão aproveitadas na edição em livro que a obra venha a ter.

Veja Autores e Livros, vol. X, pag. 71, 83, 81.

Sancho de Barros Pimentel A TIMIDEZ DE RUI BARBOSA

A 16 do corrente, transcorreu a data centenária de um empenho muito brasileiro — Sancho de Barros Pimentel — um dos que, ao lado de Rodolfo Dantas e de Joaquim Nabuco, fundaram, em 1891, o "Jornal do Brasil". Evocando a figura do antigo e ilustre jornalista, o "Jornal do Brasil" dedicou a Sancho de Barros Pimentel um dos seus grifos, que pedimos licença para aqui transcrever:

(UM FUNDADOR DO "JORNAL DO BRASIL")

No dia 16 de outubro de 1894 nasceu, na Bahia, Sancho de Barros Pimentel, uma criança que havia de tornar-se um dos valores brasileiros mais representativos do seu tempo, um jornalista, um jurista, um político de eminentes qualidades. Companheiro de Castro Alves, de Rui Barbosa e de Joaquim Nabuco, ele teve ocasião de

evocar, em valiosos depoimentos pessoais, os momentos gloriosos de sua mocidade — os tempos fugidos e felizes que estivera em contato permanente com tais homens.

Fizera em S. Paulo a primeira parte do seu curso de Direito e ali assistira aos primeiros maravilhosos triunfos de Castro Alves. Foi, depois, para Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito se formou, tendo sido colega de turma de Nabuco, de José Mariano, da Moura de Vasconcelos. O destino a sorrir-lhe, e ele foi parlamentar, foi presidente das províncias de Pernambuco e do Paraná. Liberal dos mais entusiasmados, fez parte daquele grupo de escritores que, durante o gabinete Dantas, frequentavam as colunas do "Jornal do Comércio" para a defesa dessa situação. Esses rapazes, os irmãos de Dantas, como os ba-

tisara Martinho Campos), eram Rui Barbosa (Grey), Nabuco (Garrison)... Barros Pimentel, Rodolfo Dantas, Guimarães Lobo, complementavam o grupo e eram Clarkson, Chatham, Wilberforce, Bruxton... Isso ocorreu pelo ano de 1894.

Se os anos passaram e esse grupo mesmo está de novo reunido. E agora para fundar o seu "Jornal do Brasil" que Rodolfo Dantas congrega, em 1891, a luzida corte de intelectuais que, havia alguns anos, se tinha constituído a brigada de defesa de seu pai. Acham-se eles de novo juntos para a criação do jornal que a representará na vitória tão fulgida, acham-se congregados em torno do entusiasmo e da generosidade de Rodolfo Dantas. Ao lado de Joaquim Nabuco, de Sancho de Barros Pimentel, de Guimarães Lobo, encontram-se mais Ulisses Viana, Constância Alves, José Veríssimo, tantos outros...

Barros Pimentel foi, pois, um dos nossos operários da hora inaugural, um daqueles que mais contribuíram para o primeiro prestígio, para o primeiro esplendor desta folha.

Recordam-lo hoje, no ano de seu centenário — que é o mesmo ano dos centenários dos seus dois grandes amigos Rui e Nabuco — como se levássemos um preito de simpatia e de saudade a aquele que pertence à nossa família espiritual...

Luiz Viana, em 1941, estudou a vida de Rui Barbosa num livro digno de todos os elogios, num livro em que, a par da mais honesta documentação, encontramos um espírito de crítica sempre alerta, uma fina e penetrante faculdade de análise. Era, pois, com uma curiosidade plenamente justificada que os inúmeros estudiosos de Rui aguardavam a conferência em que o brilhante deputado da sutetizar, agora, o panorama rutlo e maravilhoso das atividades jornalísticas de Rui Barbosa.

A curiosidade simpática justificou-se plenamente. Luiz Viana resumiu e analisou, em uma hora que rápida transcorreu, o que foi a atuação jornalística do grande brasileiro, desde os alboros, quando Rui, ainda estudante, nas colunas do "Diário da Bahia", lançava setas aceradas contra um presidente da província com o qual se achava em lutas o Dr. João Barbosa, seu ilustre pai. Partindo daí, analisou ele as demais etapas da existência jornalística de Rui: a estreia em São Paulo, ao lado de Luiz Osma; o trabalho no "Diário da Bahia", o órgão de que, aos 24 anos de idade, ele foi redator-chefe; no "Diário de Notícias", a folha em que fez a doutrinação pela Federação das Províncias, doutrinação que resultou na propananda da República; no "Jornal do Brasil", em que lutou contra a ditadura de Pinheiro; na "Imprensa", enfim, em que fez a campanha pela re-

publicação da república (como era a sua própria fórmula) e em que combateu, com tanto calor e tanta eloquência, Campos Sales.

E' claro que a essas etapas poder-se-ia ter acrescentado outras, igualmente dignas de apreciação: a fase do exílio em Londres, em que para o "Jornal do Comércio" Rui escreveu as suas incomparáveis Cartas de Inglaterra; a fase do segundo "Diário de Notícias", já pávida decerto, mas ainda assim digna de referência e de análise, como tudo o que se prende ao nosso grande homem.

Custa a crer que aquele espírito que nos parece imbuído de tanta audácia, irradiando uma coragem tão indomita, tenha sido, como o fotógrafo Luiz Viana, um vacillante e um tímido. Realmente, em conformidade com os documentos íntimos de Rui — as cartas a Tobias Monteiro, por exemplo — o conferenciário mostrava-nos Rui recalibrando de todas as maneiras para aceitar a direção do "Jornal do Brasil" e só assumindo a incumbência relevatíssima por imposição da revolucionária Maria Augusta (como é próprio se expressa).

Ele ali uma tese curtosíssima, merecedora de agudas meditações dos psicólogos — a tese da timidez de Rui Barbosa. A conferência de Luiz Viana serve como um ótimo ponto de partida para tal estudo. (21-10-49)

Edmond Jaloux

A França perdeu recentemente um dos seus escritores mais característicos: Edmond Jaloux. Era um homem de 71 anos de idade, tendo nascido a 18 de junho de 1878 em Marselha. Fundara aos 20 anos a *Revue Méditerranée*, e fora Gesde a fundação do *Nouvelles Littéraires* crítico desse jornal. Deixou numerosa obra de romancista, de ensaísta, de crítico. Sua vasta colaboração como crítico das *Nouvelles Littéraires* ficou reunida nos volumes intitulados *O Espírito dos Livros*. Jaloux definia-se a si mesmo como crítico, quando dizia que um crítico, é um poeta que não logra realizar-se.

Morreu ele em Lausanne, na Suíça, cidade em que morava desde a guerra. E seu falecimento ocorreu em condições especiais.

Na tarde de segunda-feira, 22 de agosto, fora ele à casa de sua amiga Rosa-Marcia Courvoisier, colaboradora da *Gazeta de Lausanne*. Subira, lepidamente, desce, desprezando o elevador. Lá encontrara, além de Rosa-

Marcia, Claude-Salvy. E passaram-se os três a conversar, levando a anfitriã e Claude-Salvy a agilidade e a riqueza de Jaloux. Em certo momento, ele se volta para Salvy e pede notícias do amigo comum Frederic Lefevre. Foi a sua última palavra. Antes de receber a resposta, lhe caiu da cadeira que ocupava, fulminado por uma hemorragia cerebral.

Jaloux fora mais de uma vez premiado pela Academia Francesa, e acabou por fazer parte da associação, na vaga de Paul Bourget, escritor de quem, de certo, ele diferia essencialmente.

Sua obra, com efeito, não apresenta as mesmas características de construção maciça e sólida do seu antecessor; é antes leve, amena acessível a um leitor mais ligeiro ou desatento.

Mas o prestígio e perdurabilidade das instituições do gênero da Academia Francesa (como, aliás, ocorre com a nossa) assentam um pouco naquilo que poderíamos chamar a harmonia dos contrastes...

ARTUR RAMOS

Os meios intelectuais brasileiros foram dolorosamente surpreendidos, no último dia deste mês, com a notícia do falecimento do professor Artur Ramos. Achava-se ele em Paris, integrando a representação científica do nosso País na Cidade Luz, onde foi escolhido para chefe do departamento de Ciências Sociais da UNESCO. Seu falecimento ocorreu de maneira inesperada e fulminante, vitimado por uma síncope cardíaca, às 8 horas, no Hotel Pierre, onde estava hospedado com sua esposa, d. Luiza de Araújo Ramos.

Era o professor Artur Ramos um dos mais legítimos títulos de orgulho da inteligência e da cultura nacional. Restitivamente moço (fizera em julho 45 anos), era uma autoridade incontestável, em tudo o que se relacionasse com os estudos da sociologia, da etnografia, da antropologia, em nossa terra. Fixara para si tal posição, mediante a publicação de obras que figuram no mesmo nível das melhores produções de um Nina Rodrigues, de um Roquette-Pinto. Era, convenhamos, um inexcedível conhecedor dos problemas que se prendem às correntes africanas que vieram plasmam um pouco da alma do Brasil.

Ao seu delicado e profundo espírito de cientista juntava Artur Ramos apreciáveis qualidades literárias, sendo um escritor elegante e polido. Há pouco tempo foi designado para representar o presidente da UNESCO num Congresso de Sociologia, realizado em Oslo, capital da Noruega, no qual teve atuação muito destacada. Tudo isso o sagrava como um dos espíritos verdadeiramente de elite do nosso País, e seu falecimento vem abrir em nosso mundo espiritual um claro difícil de preencher.

Artur Ramos de Araújo Ferreira nasceu em Pilar, Alagoas, a 7 de julho de 1903, e era filho do Dr. Manuel Ramos de Araújo Pereira. Doutorou-se em Medicina pela Faculdade

da Bahia, em 1928. Foi médico alienista do Hospital São João de Deus, na capital daquele Estado (1927); médico-legista do Instituto Nina Rodrigues da mesma cidade (1928). Fixando-se no Rio, foi chefe do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal (1934).

Foi, além disso, livre-docente de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Bahia, professor de Psicologia Social na Universidade do D. Federal professor catedrático de Antropologia da Universidade do Brasil. Era membro da Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia; da Sociedade Brasileira de Neurologia e Psiquiatria da Liga Brasileira de Higiene Mental e de diversos centros culturais e científicos de outros países.

Era casado com D. Luiza de Araújo Ramos. Colaborou nos "Arquivos do Instituto Nina Rodrigues" (Bahia), no "Boletim de Ariel" (Rio), na "Revista Brasileira" (Rio), na "Revista do Arquivo Municipal" (São Paulo), em "Pensamento da América" (Rio), na revista "Cultura" (Rio), etc.

Deixou as seguintes obras: — *Primitivo e Loucura* — Tese de Psiquiatria — Bahia 1926. — *A sordidez dos alienados* — Bahia — 1928. — *Estudos de Psicanálise* — Livraria Científica — Bahia — 1921. — *Os horizontes míticos do negro na Bahia* — Bahia — 1932. É um extrato dos "Arquivos do Instituto Nina Rodrigues". — *A poseição fetichista na Bahia* — Bahia — 1932. É um extrato dos "Arquivos do Instituto Nina Rodrigues". — *Fred, Adler, Jung* — Editora Guanabara — Rio — 1933. — *Educação e Psicanálise* — Cia. Editora Nacional — São Paulo — 1934. — *Psiquiatria e Psicanálise* — Rio — 1934.

— *O Negro Brasileiro* — Biblioteca de Divulgação Científica — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1934.

Este livro foi traduzido para o inglês pelo Sr. Richard Parke e lançado em Washington pela "The Associated Publishers Inc." sob o título "The Negro in Brazil".

— *A Família e a Escola* — Rio 1935 — 46 páginas.

— *O Folclore negro do Brasil* — IV volume da Biblioteca de Divulgação Científica — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1935.

— *Introdução e Psicologia Social* — Liv. José Olimpio — Rio — 1936.

— *Loucura e Crime* — Prefácio de José de Castro — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1937 — 204 páginas.

— *As culturas negras do Novo Mundo* — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1937 — 389 páginas.

— *A criação problema* — Cia. Edit. Nacional — São Paulo — 1930 — 425 páginas.

— *Introdução à Antropologia Brasileira* — 1.º volume (As culturas não europeias). Coleção Estudos Brasileiros da Editora da Casa dos Estudantes do Brasil — Rio — 1948.

Entre os artigos que estampou em *Boletim de Ariel*, convém mencionar os seguintes: — *A influência africana no português do Brasil* (Ano III, página 39).

— *O folclore nacional no Brasil*. Idem, Idem página 208.

— *O negro na América*. — Idem, Ano IV, página 46.

Na "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", estampou:

— *As culturas negras no Brasil* (Julho de 1936, páginas 113-118). — Na "Revista Brasileira".

— *Definição e limites do Folclore* (N.º 5, março de 1938).

Em "Pensamento da América": — *O Negro das Américas*, volume 1.º (1942), página 150. — Na revista "Cultura" (do Ministério da Educação) publicou ele, ultimamente, um ensaio sobre a arte negra no Brasil.

Sociedade Shakespeare

Acha-se em vésperas de ser fundada no Rio de Janeiro, a Sociedade Shakespeare, que se destinará ao estudo e a tradução da obra do maior dos poetas ingleses. É ela uma veia aspiração de quantos no Brasil amam a obra Shakespeareana, aspiração, entretanto, até agora não realizada. O principal espírito de animação da nova Sociedade é Miss Hull, a ilustre mestra que com tanta proficiência ensina inglês na

Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

Em torno dela estão congregados Antônio Carneiro Leão, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Mucio Leão, Onestaldo de Penafort, Abgar Renault, numerosos outros escritores, e poetas e professores. Oportunamente teremos ocasião de comunicar ao leitor os Estatutos da Sociedade Shakespeare, os quais se acham agora em elaboração.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEÃO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro	Cr\$ 45,00
FASCÍCULOS AVULSOS:	
Dos volumes da 1.ª fase (I a VIII)	Cr\$ 50,00

Do volume IX	Cr\$ 5,00

Do volume X	Cr\$ 4,00
Brochura do volume IX	Cr\$ 100,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

EM NOME DE MIRA-CELI

Jorge de Lima



GUIGNARD

Em nome de Mira-Celi,
levantai-vos soldados caídos para sempre na luta desde Abel
[até hoje,
Não deveis vos quedar sob os humos das mesopotâmias, é
tempo de despertardes!
De acordar-vos de vosso sono milenar nos oiteiros sagrados,
Em nome de Mira-Celi acordai soldados caídos nas guerras:
É tempo de abandonardes este imensos campos cobertos de
[cruzes
ou as valas anónimas em que misturais vossos ossos; é tempo
de afastar os eternos gelos em que haveis mergulhando ju-
[tando,
é tempo de estraçalhar brancas mortaldas de neve
em que aliviais as queimaduras da pólvora;
os vossos cavalos cegos ou mutilados veem alta noite relin-
[char dentro das ventanias;
acalmal vossos coreéis,
vinde com eles que é tempo de despertar.
Em nome de Mira-Celi, regressai soldados desaparecidos nos
[exodos
ou refugiados na morte, aviltados pelas destruições, fuzilados
como traidores ou espíes:

é tempo de levantar vossas frentes enegrecidas;
regressai soldados covardes ou fugitivos
ou de peitos arrombados pelas metralhas
ou enforcados ou martirizados ou arremessados de aviões
[e de paraquedas,
é tempo de despertar do solo de vossas pátrias,
soldados que haveis tombado em milhares de guerras que
a memória do homem já esqueceu
ou das guerras que a história não registou
ou que nunca foram encontrados no mar
ou desapareceram na voragem dos bombardeios,
soldados desmemoriados, loucos ou concientes que aben-
[çoaram ou amaldiçoaram a guerra,
soldados que vos suicidastes, é tempo de desertar.
Em nome de Mira-Celi, vinde soldados tombados em tôdas
[as guerras!

É tempo de desertar;
e com a força dos milhões e milhões que representais
arrazar na superfície da terra ou no ar,
ou no fogo ou na água aquilo que é preciso arrazar.

(Dos Poemas de Mira-Celi, IV)